

CIBEC/INEP



B0024720

SÉRIE DE ESTUDOS
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

ISSN 1516-2079

2 anos da TV Escola

Seminário internacional, 1998

018.43
58d

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

2 anos da TV Escola

Seminário internacional, 1998

Brasília, 1999



Presidente da República Federativa do Brasil
Fernando Henrique Cardoso

Ministro da Educação
Paulo Renato Souza

Secretário de Educação a Distância
Pedro Paulo Poppovic

SÉRIE DE ESTUDOS / EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
2 ANOS DA TV ESCOLA - SEMINÁRIO INTERNACIONAL, 1998

Secretaria de Educação a Distância / MEC

Coordenador editorial
Cícero Silva Júnior

**Ministério
da Educação**



SERIE DE ESTUDOS
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

ISSN 1516-2079

2 anos da TV Escola

Seminário internacional, 1998

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Copyright © Ministério da Educação - MEC

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

2 anos da TV Escola - Seminário internacional, 1998 / Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999.
112 p. - (Série de Estudos. Educação a Distância, ISSN 1516-2079; v.7)

1. Ensino a distância. I. Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. II. Série.

CDU 37.018.43

Edição

ESTAÇÃO DAS MÍDIAS

Edição de texto

Leonardo Chianca

Edição de arte

Rabiscos

Ilustração da capa

Sandra Kaffka

Revisão

Fábio Furtado

Tiragem: **110 mil exemplares**

ISSN 1516-2079

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Esplanada dos Ministérios, Bloco L, 1º andar, sala 100

Caixa Postal 9659 - CEP 70001-970 - Brasília, DF

fax: (0XX61) 410.9178

e-mail: seed@seed.mec.gov.br

site: www.mec.gov.br/seed

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
ABERTURA	
<i>Presidente Fernando Henrique Cardoso.....</i>	9
Dois ANOS DA TV ESCOLA	
<i>Ministro Paulo Renato Souza.....</i>	17
DESAFIO PERMANENTE	
<i>Pedro Paulo Poppovic.....</i>	21
A TV ESCOLA DO BRASIL	
<i>José Roberto Neffa Sadek, Brasil.....</i>	23
O IMPACTO DA TV ESCOLA NO SISTEMA EDUCACIONAL BRASILEIRO	
<i>Mindé Badauy de Menezes, Brasil.....</i>	27
Os PROBLEMAS ENFRENTADOS NA IMPLANTAÇÃO DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO E COMO SUPERÁ-LOS: A EXPERIÊNCIA DOS EUA	
<i>Linda Roberts, EUA.....</i>	31
PESQUISAS SOBRE A TV ESCOLA	
<i>Sônia Draibe, Brasil.....</i>	35
TV ESCOLA NO ÂMBITO DAS SECRETARIAS DE EDUCAÇÃO	
<i>Ramiro Wahrhaftig, Brasil.....</i>	39
A PERSPECTIVA TEÓRICA DO ENSINO ABERTO A DISTÂNCIA E A TELEVISÃO	
<i>Lorenzo Garcia Aretio, Espanha.....</i>	43
LA CINQUIÈME E O MUNDO DOS DOCENTES: ANÁLISE DE UMA PARCERIA	
<i>Hélène Waysbord, França.....</i>	47
Os PRÓXIMOS PASSOS EM TV EDUCATIVA E INTERNET: ENVOLVENDO ESTUDANTES NO PROCESSO DE PRODUÇÃO	
<i>John Richards, EUA.....</i>	51
AValiação DO IMPACTO DA TELEVISÃO NOS PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM NAS ESCOLAS NORTE-AMERICANAS	
<i>Sandra Welch, EUA.....</i>	53
PRODUÇÃO DA TV E EDUCATIVA: QUEM TEM A ÚLTIMA PALAVRA, O PEDAGOGO OU O DIRETOR DE TV?	
<i>Robert Jammes, França.....</i>	57

A EXPERIÊNCIA EDUCATIVA DO CHANNEL 4	
<i>Davina Lloyd, Inglaterra.....</i>	<i>61</i>
OBSERVANDO O FUTURO: O PAPEL DA TELEVISÃO NA EDUCAÇÃO DE MASSA	
<i>Atine Stevens, Inglaterra.....</i>	<i>65</i>
LA CINQUIÈME, UMA TV DE EDUCAÇÃO POPULAR. ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DOS CONTEÚDOS DAS TVs EDUCATIVAS DE TODO O MUNDO	
<i>Didier Lecat, Canadá / França.....</i>	<i>69</i>
SUPERANDO OBSTÁCULOS NA INTRODUÇÃO DE TECNOLOGIA DE TV NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM	
<i>Gilles Seguin, Canadá.....</i>	<i>73</i>
TELEVISÃO EDUCATIVA E NECESSIDADE DE CAPACITAÇÃO DOCENTE NO CHILE	
<i>Felipe Jata Schnettlet, Chile.....</i>	<i>77</i>
TRANSMISSÃO INTERATIVA	
<i>Janet Louise Donio, Canadá.....</i>	<i>81</i>
COMO OS SISTEMAS EDUCATIVOS PODEM INTEGRAR AS CONTRIBUIÇÕES DA TELEVISÃO	
<i>Evelyne Bevort, França.....</i>	<i>85</i>
ESTRATÉGIA DE CONTEÚDOS PARA AUDIOVISUAIS EDUCATIVOS	
<i>Omat Chanona Butguete, México.....</i>	<i>89</i>
EDUCABLE: PRIMEIRO SISTEMA PRIVADO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. RELAÇÃO ENTRE ESCOLA E TELEVISÃO	
<i>Pedro Simoncini, Argentina.....</i>	<i>93</i>
AVANÇOS E DESENVOLVIMENTOS DO PROGRAMA ESCOLA NOVA	
<i>Légia Victória Nieto Roa, Colômbia.....</i>	<i>97</i>
TELEVISÃO EDUCATIVA: A EXPERIÊNCIA COLOMBIANA	
<i>Marco Fidel Zambrano Murílio, Colômbia.....</i>	<i>101</i>
CRITÉRIOS DE QUALIDADE	
<i>Jorge da Cunha Lima, Brasil.....</i>	<i>105</i>
INICIATIVA PRIVADA E TV EDUCATIVA	
<i>Joaquim Falcão, Brasil.....</i>	<i>109</i>
COMO ORGANIZAR A PRODUÇÃO DA TV EDUCATIVA	
<i>Mauro Garcia, Brasil.....</i>	<i>111</i>

APRESENTAÇÃO

O seminário internacional *2 anos da TV Escola*, realizado em Brasília nos dias 30 de junho e 1º de julho de 1998, foi importante por vários motivos. Reuniu alguns dos melhores profissionais de educação a distância do mundo. Exibiu uma grande diversidade de experiências. Discutiu problemas comuns, apontou soluções, indicou tendências. Examinou teorias e critérios de avaliação. Comprovou o valor das novas tecnologias na capacitação de professores. Deixou muitas idéias. E reforçou nossa confiança na TV Escola, no momento em que comemorávamos um avanço significativo do Programa em escolas de todo o País, como constatou pesquisa do Núcleo de Estudos de Políticas Públicas - Nepp da Unicamp, divulgada no encontro.

Por isso a Secretaria de Educação a Distância - Seed do MEC registra neste livro da *Série de estudos* as palestras do seminário, em versão condensada. A versão integral está na Internet, no site: www.mec.gov.br/seed.

É mais uma contribuição aos professores e outros profissionais que trabalham com educação a distância, comprometidos com a construção de um novo ensino nas escolas públicas do País.

Secretaria de Educação a Distância

ABERTURA

Fernando Henrique Cardoso

Presidente da República

Não pode haver motivo de maior satisfação para um presidente da República que foi professor a vida toda do que participar de um encontro como este.

Ao vir para cá, eu me recordava de que comecei a dar aulas quando tinha 18 anos e não sabia quase nada. Mas dava aulas. Dava aulas de História, então para cursinho. Depois fui professor de História no Colégio Oficial, chamado Paes Leme, lá em São Paulo. Eu ainda era aluno da Faculdade de Filosofia e depois fui professor da Universidade de São Paulo durante toda a minha vida, enquanto me deixaram; houve momentos em que não pude, pois fui compulsoriamente aposentado pelo regime militar e obrigado a dar aulas em outros países. Mas não foi tão mau assim, porque me vi obrigado a falar outras línguas e a ser simples no modo de falar. Porque quando a gente não domina muito uma língua é obrigado a dizer a essência do que quer transmitir de uma forma direta. Eu tive a sorte de trabalhar no Chile - o professor Paulo Renato também -, na Argentina, no México, na França, na Inglaterra, nos Estados Unidos e pelo mundo afora.

E por isso mesmo eu sei que a questão fundamental do ensino, para a educação, é a escola básica. Quando não existe uma boa formação do aluno, quando não se pode absorver a massa de jovens na escola elementar, quando não se dá um treinamento adequado na escola primária, quando se desperdiça o potencial de uma nação, aproveitando apenas uma porcentagem da-

queles que são aptos, a perda é imensa. Evidentemente, um país como o Brasil, que tem 160 milhões de habitantes, terá sempre uma proporção de pessoas competentes, capazes, que chegam à Universidade e, ao chegar à Universidade, se forem realmente competentes e capazes, vão se relacionar com o mundo. Hoje, há um sistema de produção intelectual. Ele requer articulações, presença internacional, enfim, que haja uma permanente interação com os lucros e com os pensamentos. Isso acontece independentemente da massa de pessoas do país que tenha passado pelo sistema de escolarização formal. Mas a perda potencial é enorme.

A questão de um país não é saber quantos prêmios Nobel ele tem. É saber quantas crianças estão na escola primária, quantas passaram para o ciclo seguinte, de que maneira se realiza esse ensino, se elas têm tempo integral na escola ou não. Essas são as questões fundamentais. Primeiro, porque sem elas, como se disse, perde-se o potencial cultural do país. Os melhores sempre se realizam. Mas o poder público não tem de estar olhando para os melhores. Tem de estar olhando para a maioria, para a média. Segundo, porque, se não houver universalização do acesso ao conhecimento, não há democracia, não há cidadania. Pode haver democracia formal - partidos, eleições -, mas não há a informação que permite à pessoa escolher. E se não houver informação, a escolha é uma escolha relativa, não tem a substância da democracia. Então, a questão central é o ensino básico.

Ouçó isso desde sempre no Brasil. Todos os que pensaram Educação pensaram em termos da escolarização primária. Fui aluno de um professor chamado Fernando de Azevedo, que foi diretor de instrução pública no Rio de Janeiro e secretário de educação em São Paulo; trabalhei mais tarde com ele e com o professor Anísio Teixeira, no Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos - Inep, que tinha um centro também em São Paulo. Fui aluno e assistente do professor Florestan Fernandes. Todos eles, Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Florestan Fernandes, Antonio Cândido, Florencio Filho, enfim, os nomes dos que se dedicaram a pensar um pouco a educação no Brasil, todos fo-

ram pessoas que tiveram essa visão, que era ao mesmo tempo essencial para a base cultural do País e essencial para a democracia. Todos insistiam na importância da redução do analfabetismo, da escolarização básica como a questão chave do Brasil.

Hoje sou presidente da República. Então, eu tenho de ser coerente com aquilo que foi, durante toda a vida, minha formação. É a orientação que nos demos, e tivemos um apoio enorme do Ministério da Educação - e aqui, ao meu lado, duas das várias pessoas que se dedicaram a isso: eu agradeço mais uma vez ao ministro Paulo Renato e ao professor Pedro Paulo Poppovic, que foi meu aluno - ele não gosta que eu diga isso, mas foi; é só um pouquinho mais velho do que eu... Eu agradeço imensamente a eles pelo fato de terem entendido nossos propósitos, e a essa equipe do Ministério da Educação, por ter, efetivamente, posto em prática aquilo que era aspiração de todos nós.

Nós nos dedicamos a refazer os fundamentos da Educação no Brasil, começando por onde tem de se começar, que é o ensino básico. Dir-se-á: bom, mas, e a Universidade? Está cheia de problemas. Quem não sabe? Eu sei também. Mas é preciso escolher. Quando se está dirigindo um país, um país cheio de lacunas, é preciso saber onde é que se vai colocar o esforço maior. Ora, a educação fundamental não é atribuição direta do governo federal. Ela é atribuição direta dos municípios e dos Estados. Mas o governo federal tem a responsabilidade da definição das políticas, do estímulo, dos recursos que são passados para esse nível de ensino.

Então resolvemos, efetivamente, fazer aquilo que eu chamo de "revolução branca" na área da educação fundamental. Os primeiros resultados desse esforço já estão aí: neste ano, temos 7 milhões de crianças no curso de ensino médio; e isso significa que temos, no ensino fundamental, de 34 a 35 milhões de crianças e jovens; diminuiu a evasão escolar; estamos melhorando o ensino fundamental e isso vai forçar a melhoria do ensino médio.

Progressivamente vamos ter, também, uma demanda maior e mais qualificada sobre as universidades, as quais vão precisar de

outros tipos de reforma, inclusive a de repensar o que se chama de autonomia, repensar a questão da pesquisa e do ensino, repensar muita coisa. Chegará o tempo. Chegará o tempo, e creio que o ministro Paulo Renato já anunciou que vai convocar uma comissão de alto nível para avaliar e redefinir o rumo da Universidade. Mas o fundamental era mexer na educação de base.

Já alcançamos cerca de 95% de crianças, talvez até um pouquinho mais, que estão em idade escolar e dentro das escolas. Um país imenso como este, disperso, desigual na renda, injusto quanto ao acesso, enfim, de todo modo já existe uma rede com alguns problemas que tiveram de ser enfrentados. O primeiro era colocar as crianças na escola. Porque temos de mantê-las na escola. Temos de alimentá-las. Eu digo sempre, quando estou fora do Brasil, que essas 34 milhões de crianças têm uma refeição todos os dias. Todos os dias recebem uma refeição. E nas zonas mais pobres, que são atingidas pelo Programa Comunidade Solidária, têm duas refeições; e nós estendemos o número de dias no ano letivo de modo a que aumentasse a quantidade de refeições. É claro que refeição não é educação. Mas como nós podemos educar uma criança que está com fome? Não podemos. Então, tem de haver, ao mesmo tempo, um programa de atendimento direto às condições dessas crianças. Existem vários programas, alguns até com apoio internacional de recursos. Mas creio que a questão central daqui para a frente diz respeito à melhoria da qualidade do professor da escola básica.

Já cumprimos a primeira etapa: criança na escola, alimentação, enfim, as questões que correspondem às emergências e as questões que correspondem a um programa permanente de atendimento às crianças. Mas agora nós temos de melhorar a qualidade. A qualidade e o salário. O governo criou o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério, o Fundef, para melhorar os salários dos professores das áreas mais pobres do Brasil. Nós, aqui, os três que estamos na mesa, pertencemos às regiões mais ricas do Brasil: São Paulo e Rio Grande do Sul. Mas conheço bem este país,

conheço quase todo este país, e não apenas viajando como presidente. Conheço fazendo pesquisa. Conheço bem este país. A situação é muito diferente lá no Sertão do Nordeste, nas zonas ribeirinhas, nos grandes rios da Amazônia, nas periferias das grandes cidades, onde os salários são infinitamente menores do que os salários do Distrito Federal, por exemplo, ou os da cidade de São Paulo. E temos de olhar primeiro para essas áreas. O Fundo de Valorização foi criado para isso.

Depois, fizemos um grande esforço, juntamente com os professores, que foram os Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCN, uma modificação importante porque dá um novo panorama à educação, combatendo o racismo, a discriminação de gênero, refazendo certos conceitos que estavam sendo difundidos mecanicamente pelo País afora, através de livros didáticos que não eram os mais adequados. Fizemos um programa de avaliação do livro didático. Claro que o governo não impõe, mas mostra o caminho dizendo: "Este livro é bom, este livro é ruim." Imaginem os senhores quantos interesses contrariados, quantos grandes editores, alguns dos quais até de relações pessoais com alguns de nós... Fizemos o programa em termos de uma avaliação objetiva.

Bem, agora, num país do tamanho do Brasil, por mais que se melhore o salário do professor, isso custa para que realmente funcione. Mas está andando. Por mais que se mexa nos Parâmetros Curriculares, por mais que distribuamos livros... E a distribuição dos livros é gratuita, não sei exatamente quantos milhões, mas são cerca de 110 milhões de livros por ano, não é pouca coisa... Mas, como temos o que chamo no Brasil de "fracassomania", não gostamos de reconhecer o que já fizemos, não o que o governo fez, o que o País fez.

Ou seja, já existe um programa bastante alentado de acesso à educação, mas era preciso dar um passo adicional. Esse passo adicional é a TV Escola. Porque, com as distâncias que temos no Brasil, com as dificuldades de acesso à melhor maneira pela qual se treina o professor e o gestor da escola - e esse é outro proble-

ma importante -, é através dos kits da TV Escola e, mais tarde, do monitoramento e das avaliações que ocorrerá o avanço.

Li a avaliação da professora Sônia Draibe, do Núcleo de Estudos de Políticas Públicas da Unicamp, sobre a questão da TV Escola, para verificar se o programa está ou não funcionando, onde está, onde não está, para que a gente possa melhorar. E uma das maiores emoções que tive recentemente foi assistir a um vídeo que recebi do ministro Paulo Renato, que mostra a TV Escola numa zona, creio, do Mato Grosso, subamazônica, onde não há energia elétrica e havia motor a diesel para poder gerar energia, para poder assistir à televisão. E o efeito daquilo sobre a comunidade é fantástico. Acho que o fato de vivermos num país com, digamos, camadas arqueológicas, nos coloca desafios imensos também. Como resolver isso? Temos ao mesmo tempo regiões altamente desenvolvidas na Ciência e tudo o mais, estamos lançando foguetes com satélites - porque mísseis nós não queremos -, e por aí vai. Mas estamos fazendo tudo isso, nós temos capacidade de, com supercomputadores, saber como é que vai o clima, como é que não vai o clima. E ao mesmo tempo temos regiões que não têm energia, onde a pessoa toca aquilo num motorzinho a diesel, onde realmente a população se junta para ver um treinamento, que era para professor e para aluno, e acaba sendo para os pais de família, para as mães de família. Quer dizer, é um tremendo desafio o de darmos conta de avançar num país tão complexo, tão diferenciado. E não se avança se não nos pusermos juntos.

Juntos quem? Governo estadual, municipal, federal, professorado, Ministério da Educação. Se as forças políticas entenderem que elas têm de se preocupar mais com as políticas do que com os políticos. Em vez de querer nomear políticos, que se preocupem com as políticas. Julguem as políticas. Aí, se estivermos todos juntos, se formos capazes de delinear, de buscar convergências quando é necessário haver a convergência... Se não fizermos isso, não conseguiremos fazer face a esse desafio de levar para diante um país desse porte, com essa potencialidade e com essa diferenciação.

Além do mais, o Programa da TV Escola está sendo utilizado por 75% dos professores que têm acesso a ele - alguns reproduzindo, aprendendo a lidar com tudo isso; logo mais vão mexer com os computadores também. Vão criticar muito, porque surge interesse de todo tipo, mas vai ter de se dar acesso ao computador. A minha mulher, Ruth, foi outro dia à Rocinha, que é uma favela no Rio de Janeiro, para ver um programa da população da favela mexendo com computador - porque, no futuro, quem não souber mexer com computador será analfabeto, não vai poder fazer nada. Então, tem de aprender a mexer com computador. Se até eu estou aprendendo, por que os outros não podem aprender? Por isso acho importante que a gente entenda que o acesso a essas técnicas mais modernas também faz parte do processo de cidadania. Porque é permitir que a população participe dos avanços do progresso técnico que vão ser decisivos nos séculos vindouros.

Queria que o Brasil sentisse o esforço que está sendo feito. Porque é muito ruim que o Brasil não perceba que há boa fé, que há vontade de acertar. Erra-se muito. Todos nós. Eu erro, todo mundo erra. Mas há boa fé, há vontade de acertar. Não é que esteja uma maravilha. Há muita coisa por fazer, mas estamos avançando e temos de ter orgulho de saber que estamos avançando, de saber que estamos construindo uma nação. Isto aqui não é um mercado. Ficam discutindo essa bobagem de neoliberalismo e não sei o quê. Isso é bobagem. Isso aqui não é um mercado, é um país, é uma nação de gentes, e estamos lidando com essas gentes. Estamos colocando à disposição dessas pessoas, dessas gentes, o que é possível colocar.

Temos de colocar muito mais. Gostaria muito que fosse possível, que se difundisse no Brasil, crescentemente, o fato de que temos rumo. Estamos atrasados em muitas coisas, avançados em outras, mas, na educação, o crucial é que o acesso à educação é para todos. Buscamos a melhoria das condições de treinamento, a capacitação crescente; a melhoria, ainda que pouca, ainda que relativa, de salários; e o entrosamento entre os

vários níveis da administração e deles com a sociedade. Percebo o que está acontecendo no Ministério da Educação.

Reitero minhas felicitações ao ministro Paulo Renato, pela capacidade que tem de inspirar, de combater, de agregar, de ser generoso, de não entrar em mesquinha; ao dr. Pedro Paulo Poppovic, porque conheço a tempera dele para poder fazer um programa dessa natureza, o que não é fácil, pois exige regência, capacitação, teimosia - isso é muito importante também. Eu, que não sou teimoso, fico admirado de como foi possível juntar a generosidade com a teimosia para que o Brasil tenha êxito. Viva vocês dois.

Dois ANOS DA TV ESCOLA

Paulo Renato Souza

Ministro da Educação

É uma satisfação muito grande realizar este Seminário Internacional com o qual comemoramos e celebramos dois anos de funcionamento da TV Escola. Na verdade, dentro de treze dias, serão dois anos e meio. Começamos a operação experimental da TV Escola no dia 4 de setembro de 1995. Em caráter definitivo, começamos as transmissões no dia 4 de março de 1996. Foi um dos programas mais polêmicos que lançamos no Ministério da Educação. Lembro-me bem das inúmeras críticas que tivemos ao lançarmos a idéia de criar esse programa, que atinge 50 mil escolas em todo o Brasil, usando o canal de satélites brasileiro para um programa de treinamento de professores.

Insistimos, sempre, que o investimento que realizamos foi realmente pequeno se comparado aos benefícios que esperávamos alcançar e que alcançamos. Em algumas ocasiões, tive a oportunidade de participar desse debate pelos meios de comunicação, escrevendo artigos. Um deles, escrito no ano passado, chamava-se *TV Escola, um caso de sucesso*, justamente para contrapor a idéia de que o fato de não termos alcançado no primeiro ano 100% de audiência e 100% de utilização caracterizaria o fracasso e o desperdício de recursos, como foi ventilado em muitos meios, inclusive em editoriais de alguns grandes jornais. E insistia em que algo novo que estávamos fazendo não deveria ter aceitação plena e imediata. Seria impossível pensar nisso. Mas, o que es-

távamos fazendo, paulatinamente, era ir treinando as pessoas e ir conquistando os professores para o uso da TV Escola, o que haveria de render frutos importantes, como os que estamos colhendo agora.

Quero chamar a atenção para o fato de que, além de termos lançado esse programa, tivemos a coragem de submetê-lo à avaliação independente externa: a Universidade Estadual de Campinas, através do Núcleo de Estudos de Políticas Públicas - Nepp, do qual é dirigente a professora Sônia Draibe, realizou, no ano passado e neste ano, uma pesquisa em todo o Brasil sobre o alcance e o aproveitamento da TV Escola. Já no ano passado, os dados eram muito significativos. Com apenas um ano de funcionamento a TV Escola tinha 75% dos equipamentos funcionando, em uso na sala de aula, com alguma utilização no treinamento de professores, ou seja, com alguma utilização pedagógica. Hoje, temos muito mais. Recebemos, ontem, um relatório do Nepp, o qual está à disposição de todos, que traz já dados mais significativos, mais importantes, sobre o aproveitamento da TV Escola.

Esse é um projeto que, na verdade, nasceu muitos anos atrás. Quando eu era secretário de educação do Estado de São Paulo, em 1985, lançamos o Projeto Ipê, de treinamento de professores via televisão, utilizando, naquele momento, a TV Cultura de São Paulo, aos sábados pela manhã. Evoluímos, agora, para esse sistema de transmissão permanente, todos os dias, com programação de alta qualidade. Na verdade, a TV Escola sintetiza e resume muitas experiências de educação a distância, de treinamento a distância, que viemos desenvolvendo nas últimas décadas no Brasil.

Quero destacar, também, um fato muito importante: o de que a TV Escola passou, já a partir do ano passado, a ser um instrumento de integração de outros programas do Ministério da Educação. Refiro-me especificamente aos Parâmetros Curriculares Nacionais, que foram definidos pelo Ministério, foram aprovados pelo Conselho e hoje estão sendo veiculados pela TV Escola, treinando e atualizando os professores com a metodologia, os princípios, os objetivos definidos por essa proposta curricular. Este é o

sentido que queremos dar à nossa programação da TV Escola.

Hoje, 50 mil escolas estão assistindo a este seminário, em todo o Brasil. Nos confins da Amazônia, em São Paulo, no Rio de Janeiro - 50 mil escolas estão nos assistindo hoje. E isto é muito importante. Muito importante porque significa que não apenas podemos transmitir a programação normal de atualização e treinamento dos professores. Mas podemos, muito especialmente, transmitir mensagens, orientações e o que estamos fazendo aqui, levando a todo o Brasil, a todas as escolas brasileiras este profícuo debate.

A Secretaria de Educação a Distância

Não posso deixar de mencionar e agradecer o esforço e o trabalho da Secretaria de Educação a Distância. Na verdade, durante esses três anos e meio à frente do Ministério da Educação, fomos transformando a estrutura do Ministério, até criar a Secretaria de Educação a Distância, e tivemos a grande fortuna de contar com o dr. Pedro Paulo Poppovic como secretário, que imprimiu o vigor dos seus 70 anos de juventude para esse projeto e o seu entusiasmo de jovem para que a TV Escola se transformasse, realmente, na realidade que é hoje. Agradecemos também à toda sua equipe, ao professor Sadek, à professora Mindé e também às outras pessoas que estão colaborando com ele num outro grande projeto da Secretaria, que é o Programa de Informática na Educação, o ProInfo. Ao dr. Salles e aos outros colaboradores quero neste momento deixar o meu reconhecimento público.

Quero finalizar agradecendo muito a cooperação e a colaboração de todos os especialistas estrangeiros que atenderam ao nosso convite para estarem, hoje, aqui em Brasília, neste seminário. Quero dizer que podemos contar com a presença das maiores autoridades mundiais de muitos países que se dedicam ao esforço, que investem na área de educação a distância, que estão aqui para conhecer a experiência da TV Escola, e também para trazer a sua experiência, trazer a sua palavra sobre a evolução da

educação a distância usando os meios eletrônicos, usando os meios modernos de comunicação, um campo em que, certamente, ainda hoje, no mundo todo, estamos engatinhando, na busca de melhorar a qualidade da educação que oferecemos às nossas crianças e aos nossos jovens.

DESAFIO PERMANENTE

Pedro Paulo Poppovic

Secretário de Educação a Distância

Abro, com enorme alegria, o seminário internacional comemorativo dos dois anos de existência do Programa TV Escola.

Minhas primeiras palavras são de saudação aos nossos convidados, secretários de Educação dos Estados e municípios, equipes pedagógicas estaduais e municipais - responsáveis por programas de educação continuada e a distância, especialistas da área da Comunicação e da Pedagogia, especialistas de diversos países e outras pessoas que ajudam a dar brilho a este evento.

Comemoramos hoje, com o desejo de partilhar com os senhores, os dois anos de existência do Programa TV Escola, resultado da garra e tenacidade do nosso ministro da Educação, Paulo Renato Souza, e de nossa equipe de trabalho. Uma equipe que, cuidadosa, mas destemidamente, enfrentou o desafio de não apenas levar o Programa ao ar, mas sobretudo de mantê-lo permanentemente, mediante o trabalho cotidiano, sem trégua, da construção de um modelo de educação a distância que concretize o discurso da igualdade na educação.

E aqui não posso deixar de registrar o pioneirismo da professora Maria Helena Guimarães de Castro, hoje, presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - Inep, sob cuja direção o Programa foi lançado. Registro também o imprescindível trabalho das equipes de técnicos e es-

pecialistas da Fundação Roquette-Pinto, hoje, Associação de Comunicação Educativa Roquette-Pinto - Acerp.

Com o mais profundo desejo de acertar, não estaremos falando só de vitórias. Estaremos falando também de nossas dificuldades, particularmente no que se refere à busca de ampliação e melhoria qualitativa do uso da TV Escola pelos professores da rede de ensino público. Isto nos obriga a pensar permanentemente, entre outras questões, em estratégias que permitam uma aproximação cada vez maior dos segmentos mais penalizados pela exclusão social, contra a qual tanto lutamos.

O relato de experiências de outros países, apesar ou exatamente por causa de sua diversidade, deve fornecer-nos também um quadro de referências, para que possamos avaliar, questionar e aprimorar nosso Programa, no sentido de desenvolvê-lo, cada vez mais, de acordo com as necessidades dos professores, dos alunos e do sistema educacional - em uma perspectiva futura, inevitavelmente ambiciosa, da construção da identidade nacional.

Espero que todos os senhores contribuam com os objetivos deste encontro, favorecendo um animado e fecundo debate das questões que aqui serão examinadas.

Comemoremos, pois, o sucesso do Programa TV Escola - conforme é atestado por pesquisas independentes -, com a melhor disposição da crítica, da reflexão e da vontade de acertar a que estamos obrigados, não só pelo prazer do que fazemos e ainda podemos fazer, mas, antes de tudo, pela responsabilidade na utilização de recursos públicos, visando seu máximo aproveitamento.

Tenho certeza de que construiremos uma sólida base de apoio pedagógico e didático para cada uma das unidades escolares do País e para os sistemas estaduais e municipais de ensino.

Sejam bem-vindos.

A TV ESCOLA DO BRASIL

José Roberto Neffa Sadek

*Diretor do Departamento de Produção e
Divulgação de Programas Educativos da Secretaria
de Educação a Distância do MEC / Brasil*

A TV Escola é mais um dos projetos do Ministério da Educação que estão ligados ou orientados para a prioridade do ensino fundamental. O Ministério priorizou o ensino fundamental. Pela primeira vez, pelo menos nas últimas décadas, o Brasil consegue ter um mapa da educação no País. O ministro conseguiu fazer um mapa com números, dados, valores e boas interpretações, no qual se notou que o problema não é a ausência de escolas. O problema do ensino está na própria escola. Alguma coisa está acontecendo dentro da escola que não está refletindo em alunos bem preparados. Quer dizer, 1 milhão e 300 mil professores, ao menos no ensino fundamental, dos quais 60% não estão tecnicamente qualificados para o exercício de sua função. Além de outros problemas, como falta de entusiasmo, falta de atualização, falta de condições. Precisamos capacitar melhor os professores.

A TV Escola fez um casamento interessante entre o que é um projeto eficiente de comunicação e o que é um projeto eficiente de aprendizado ou de ensino. No entanto, os dois estão conjugados no mesmo projeto. Todas as tecnologias seguem a regra de mercado. A educação segue a regra da cidadania. A educação segue a regra do crescimento, a qual não é necessariamente a regra de mercado. As tecnologias estão preocupadas com a quantidade de usuários. A educação está preocupada com a qualidade do uso. As tecnologias trabalham nos pontos comuns, os pon-

tos que podem alcançar um grande número de pessoas. Já a educação é pontual; ela depende da região, do Estado, da cidade, da escola, do bairro, da etnia, das pessoas locais.

Bem, com esse pano de fundo, pergunto: como é que se chegou ao programa da TV Escola? Decidiu-se, sabiamente, que a TV deveria transmitir por sinal aberto, não codificado, de forma que muitas outras pessoas, além da própria rede, pudessem receber o sinal. E essa recepção foi organizada pelo Ministério, primeiramente, para cinquenta mil escolas. Mas esse número está crescendo. O satélite que transmite a TV Escola é o mesmo que transmite todas as outras TVs do País. Assim, todas as áreas do País podem receber a imagem da TV Escola com a mesma qualidade que recebem as imagens da Globo.

O critério para se colocar os primeiros 50 mil kits de recepção nas escolas foi o seguinte: havia uma determinada quantia de dinheiro e precisava-se alcançar o maior número possível de estudantes. As escolas públicas de ensino fundamental com mais de 100 alunos receberiam do Ministério um kit de recepção, composto de uma parabólica, um receptor, um televisor, um videocassete e um pacote de fitas. Com isso, estamos atingindo cerca de 85% de todos os estudantes de escola pública do País. Gostaríamos de atingir todos, mas as limitações materiais existem e temos de nos ater a elas. Dessa forma, compõem essa rede, no mínimo, 50 mil escolas, 1 milhão de professores e 21 milhões de alunos.

A idéia do programa é a de que o professor forme uma videoteca, gravando o que lhe interessa, para o seu projeto, para a escola da região. Assim, ele terá formado um repertório fixo e permanente ao seu lado, que poderá usar para a sua capacitação ou como instrumento didático. A aquisição desse instrumento de trabalho é fundamental para a evolução do que queremos, pois o futuro tecnológico está muito mais perto do que parece. Por isso, não teria sentido produzir a fita, enviar a fita ou alugar um horário em outra emissora, porque estaríamos limitando o contato diário com o instrumento de tecnologia. Sabemos que o que chamamos de nova tecnologia não é tão novo assim. Todo o

mundo tem televisão em casa; as crianças usam a televisão diariamente; muitos professores têm parabólica em casa. Então, a rigor, não é uma nova tecnologia. O fato de estarmos transmitindo por satélite permite o seu manuseio, faz o acesso mais democrático, mais equânime, embora o uso seja regional.

Evidentemente, dessa forma conseguimos mais agilidade, menor flexibilidade e podemos transmitir um maior número de programas. Transmitimos, por dia, três horas de programação, repetidas quatro vezes. Ou seja, temos um total de doze horas por dia de transmissão, para que o professor possa ter acesso nos horários que sejam adequados à sua agenda. Assim, cada um se organiza e pode usar o sistema da forma que for mais conveniente.

Um balanço da TV Escola

Nesses dois anos, transmitimos 4.344 horas, em 362 dias de programação. Fizemos acompanhar essa transmissão com alguns impressos. Já foram 2,2 milhões de revistas, 1,6 milhão de grades de programação, 4,1 milhões de cadernos. São números muito grandes, mas no Brasil tudo tem muitos zeros, todos os números são enormes. Por isso números como esses, que parecem um absurdo. Mas são 50 mil escolas e 1 milhão de professores.

Um dos diferenciais da nossa TV é que a estrutura de sua programação é vertical. As TVs, normalmente, trabalham em faixas horizontais. Das 5 às 6, desenho animado - todo dia passa desenho animado; das 6 às 7, jornal; e assim por diante. Nós não. Tudo o que interessa e que é coerente em um mesmo assunto a gente passa de uma vez só. Então, se estamos falando, por exemplo, de Pluralidade Cultural, fazemos uma programação inteira sobre Pluralidade Cultural. Por quê? Porque facilita para o professor, lá na ponta, gravar e usar.

A orientação pedagógica e filosófica da nossa televisão está apoiada nos Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCN, um conjunto de conteúdos e medidas feitas pelo Ministério para orientar as escolas públicas.

Sem a menor modéstia, posso falar que a TV Escola passa os melhores programas do mundo. Temos acesso, também, a produções da Inglaterra, da França, dos Estados Unidos, do Canadá; nós, como todas as TVs, compramos esse material e o exibimos. E é claro que só compramos o que há de melhor.

O uso da TV é provavelmente a parte mais importante do programa. Imaginemos que eu seja um professor. Eu me pergunto: o que vou gravar daquela grade enorme de programação? Qual é o critério para poder gravar um programa? Evidentemente, esse critério tem de estar de acordo com a região, com a escola, com a orientação que a escola tem e com o seu projeto pedagógico. O uso da TV é específico conforme o projeto pedagógico de cada profissional, de cada professor, de cada grupo de professores.

Isso tudo vai gerar o espectador ativo, porque ele terá um trabalho enorme, qual seja: o de gravar a fita, ver o que tem na fita, anotar, estudar.

Por fim, gostaria de dizer que, ao contrário do que possa parecer, a TV Escola não é um projeto do futuro. Ela é um projeto do presente. Ela tira a escola do passado e traz a escola para o presente. Mas agora nós temos um futuro, e quem sabe daqui a dois anos a nossa idéia de futuro estará mais próxima e daqui a pouco poderemos medir o futuro no relógio.

O futuro, certamente, não é a TV Escola. O futuro é algo que vai misturar a TV Escola com o ProInfo, Programa de Informática na Educação. Não é à toa que o Secretário Pedro Paulo Poppovic coordena os dois ao mesmo tempo. Está tudo convergindo para uma outra tecnologia, que será, em maior ou menor medida, o futuro da TV. Agora, sem TV Escola e sem ProInfo, não chegaremos a lugar nenhum.

O IMPACTO DA TV ESCOLA NO SISTEMA EDUCACIONAL BRASILEIRO

Mindé Badauy de Menezes

*Diretora do Departamento de Planejamento e
Desenvolvimento de Projetos da Secretaria de
Educação a Distância do MEC/Brasil*

O que motivou o Ministério a implantar a TV Escola foi menos as condições tecnológicas e muito mais a busca pela construção de um padrão unitário de qualidade, ou seja, a vontade expressa de constituir uma rede única com o mesmo padrão de qualidade.

Não é à toa que trabalhamos com um sistema de avaliação de aprendizagem. O intuito é que ele instrumentalize políticas no sentido de buscarmos a efetiva construção desse padrão único de qualidade. É o que chamamos de equidade do sistema de ensino, uma busca que motiva, que move, e que, certamente, deu-nos fôlego para tocar esse projeto. Esse é um projeto ambicioso, de difícil execução, mas cujas motivações são maiores do que as dificuldades. Isso tem um significado muito grande para mim: a opção concreta pela qualidade do ensino levou à formulação e à execução desse projeto. A época da sua implantação, a cobertura da rede física era da ordem de 95%, índice considerado razoável; tínhamos um enfrentamento, o de qualificar e construir esse padrão de qualidade único em todas as escolas brasileiras, qualquer que fosse a região em que ela estivesse implantada.

Outra questão é o fato de que um projeto de dois anos e meio, e que tanto desejamos, não tem ainda a introdução no cotidiano da escola. Entretanto, para esse tempo, até que o enraizamento é

maior do que se esperava, devido a algumas condições e estratégias de implantação fundamentais para a sua inserção no interior do cotidiano da escola. Fizemos, durante esses dois anos, um programa de capacitação com estratégias para a utilização do programa. Capacitamos mais de 10 mil multiplicadores, dentre os quais alguns diretores de escolas, secretários de educação e coordenadores pedagógicos. É um programa feito em uma parceria muito construtiva com o Conselho de Secretários de Educação dos Estados e, em menor escala, com a união Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação - Undime. Nossas dificuldades ainda são bastante grandes. Os coordenadores pedagógicos, peças vitais na multiplicação do programa, estão presentes neste seminário e queremos homenageá-los, pois o êxito da TV Escola se deve, em grande parte, às pessoas que estão na ponta. Agradecemos também ao Fundo das Nações Unidas para a Infância - Unicef e à Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura - Unesco, que estiveram conosco em todos os programas de capacitação.

O papel das pesquisas

Queria ainda colocar mais um aspecto, que são as pesquisas, importantes não só do ponto de vista de realimentar a construção da grade de programação ou as estratégias de implantação do programa, mas também do ponto de vista do engajamento das escolas. Elas foram feitas sempre com uma perspectiva interativa.

Vou relatar parte de uma pesquisa de avaliação qualitativa. Levamos em conta dois aspectos. Primeiro, que o Brasil, como toda a América Latina, tem sua cultura marcada por dois traços fundamentais. Um deles é a oralidade; é fantástica a diversidade da oralidade nos vários países da América Latina. O outro aspecto é a forte cultura visual.

Dessa forma, achamos que a TV, já no primeiro ano, havia alcançado resultados qualitativos importantes e trabalhamos nessa pesquisa com essas funções, a de identificar casos de su-

cesso e a função indutora. Ou seja, os casos de sucesso foram identificados; construímos material pedagógico e produzimos um vídeo, que ainda está sendo usado na capacitação, mostrando como diversas escolas fazem uso do programa.

Essa pesquisa foi feita primeiramente numa amostragem-piloto. A amostragem-piloto apontou os indicadores que deveriam ser observados na etapa seguinte. Buscamos indicadores que representassem a utilização do vídeo e do programa na rede pública de ensino: como o programa estava sendo utilizado? Com que perspectiva?

O outro aspecto que levamos em conta foi fornecer informações para fomentar a construção da grade de programação, identificando aspectos fundamentais para a materialização do programa, no sentido de mapear a sua complexidade e a riqueza de suas manifestações. Finalmente, estendemos essas experiências a outras escolas.

A metodologia usada foi a de pesquisa interativa. A pesquisa foi feita com pessoas das áreas pedagógica e de comunicação. Dessa forma, pudemos levantar aspectos comunicacionais tanto da produção quanto da forma de recepção, avaliando a própria grade naquilo que ela poderia ter de mais efetivo, mais próximo da escola. Assim, identificamos quatro indicadores: a produção, a recepção, a utilização e a apropriação do programa.

Para nós, dos quatro indicadores, o mais importante foi o da apropriação. Um dos problemas do início do programa foi a dificuldade de sua aceitação. Essa pesquisa foi muito interessante para evidenciar que a apropriação se dá a partir da cultura e da circunstância de vida de cada um. A apropriação levou à construção de vídeos: hoje, temos uma grande quantidade de vídeos produzidos pelas escolas.

Quanto à recepção do programa, avaliamos as condições socioculturais, profissionais e ambientais. A colocação do kit tecnológico produziu alguns subprodutos não esperados por nós. Na verdade, em algumas regiões encontramos situações como a de uma escola coberta de palha e cuja antena teve de ficar numa

árvore. Encontramos escolas fora da rede de energia elétrica. Tudo isso serviu para qualificar fisicamente as escolas.

A utilização é identificada nas questões da cultura escolar e videográfica. O que as pessoas não sabiam muito era usar o equipamento e isso foi um desafio para nós. Os agentes educativos puderam recriar a cultura televisiva a partir do seu próprio conhecimento e com o material que estava disponível. Promoveram a inserção da TV em projetos comunitários e a integração entre a escola e a comunidade. A escola passou a ser um local de realimentação de programas para reuniões de sindicatos, comunidades de base, escolas de assentamento rural, reuniões de agentes de saúde etc.

Houve apropriação também, uma articulação entre forma e conteúdo para descobrir que um mesmo vídeo é usado de diferentes maneiras por diferentes pessoas.

A TV Escola desencadeia novos formatos de centros de formação, como videotecas ou bibliotecas. Foi muito interessante verificar que as escolas que fazem bom uso da TV tiveram ampliada a procura às suas bibliotecas. As crianças lêem mais, têm mais motivações para procurar livros.

A TV Escola permite novos contextos de interação da escola e da comunidade. Acho que a gente podia falar um pouco das perspectivas desse programa. É um programa que aponta para uma perspectiva muito ambiciosa do uso compartilhado desse canal, um canal disponível 24 horas. Acho que já se aponta para alguma perspectiva de uso compartilhado com os Estados - uma proposta do Conselho Nacional de secretários de Educação, Consed, para diretores de escolas -, com a própria comunidade e com empresas, para programas de educação não formal. Portanto, a TV Escola vem ampliando o seu espaço para atendimento de setores que estão excluídos dos programas de educação formal.

OS PROBLEMAS ENFRENTADOS NA IMPLANTAÇÃO DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO E COMO SUPERÁ-LOS: A EXPERIÊNCIA DOS ESTADOS UNIDOS

Linda Roberts

*Diretora do Escritório de Educação
Tecnológica do Ministério da Educação / EUA*

Na última vez em que estive no Brasil, estava preparando importantes encontros entre o presidente Clinton e o presidente Cardoso. E é particularmente emocionante a visão clara que ambos os presidentes têm sobre educação. Os dois acreditam que educação é o nosso futuro, e o modo como introduzimos a educação, tanto nos Estados Unidos como no Brasil, é o que fará diferença e assegurará podermos realmente ser parte da economia global.

O presidente Clinton articulou quatro objetivos principais em torno da nossa iniciativa tecnológica. E acho que se olharmos para esses quatro objetivos, perceberemos que há uma maravilhosa paridade e consenso, creio, entre os dois países. Em primeiro lugar, sentimos que isso é absolutamente essencial quando investimos em tecnologia, quando investimos em nossos professores, no seu treinamento, quando damos a eles o tempo e a preparação, a experiência e a confiança para utilizar bem essas tecnologias.

O segundo objetivo diz respeito à iniciativa tecnológica - e sei que da mesma forma, no Brasil, vocês não ficaram satisfeitos apenas com a televisão como ferramenta para o aprendizado.

Nosso terceiro objetivo é o de que todas as salas de aula estejam conectadas à Internet, para que possamos fazer algo bastante convincente com tecnologia. E que a tecnologia, no final, tornar-se-á a ferramenta para interligar nossas culturas, a fim de que possamos construir um entendimento comum sobre o nosso mundo e sobre as coisas que mais nos importam.

Finalmente, já que vocês estão preocupados com conteúdo e currículos, estamos habilmente envolvidos com isso, e sabemos que absolutamente nenhuma tecnologia substitui o professor e o conteúdo. Portanto, construir aplicações Convincentes em Leitura, Matemática ou Ciências é absolutamente crítico para o que tentamos fazer.

Acho que os nossos países enfrentarão um sem-número de desafios-chave, mas estou otimista e acredito que podemos enfrentar tais desafios de diversas formas significativas. Certamente, a infra-estrutura é fundamental, não importa se estamos falando de trazer eletricidade para a escola ou do "último grito" em tecnologia para sala de aula. Sem dúvida, professores usando tecnologia devem ser o máximo possível parte dos nossos investimentos, junto com a própria tecnologia. É preciso repensar não só o papel dos nossos professores, mas como os alunos aprendem e até mesmo coisas simples, como planejamento.

As comunidades aprendizes interativas podem fazer muitas coisas. Temos descoberto, nos Estados Unidos, que não estamos falando de um modelo de entrega de instrução apenas. Estamos falando de um conjunto crescente de oportunidades que podem verdadeiramente enriquecer o aprendizado na sala de aula e fora dela. Estamos falando de viagens de campo em eletrônica, de ir com os alunos a lugares onde sabemos que eles não poderiam ir sozinhos. De fato, um dos nossos melhores exemplos de viagem de campo em eletrônica é o chamado Projeto de Jason, que este ano está indo para a Floresta da Chuva, no Peru. Isso é algo com o que estamos realmente empolgados. A idéia de que podemos trazer o mundo para as salas de aula apenas por causa da tecnologia é muito

valiosa para nós. Podemos trazer perícia para a sala de aula, conectando os alunos com cientistas e pesquisadores; podemos criar comunidades virtuais, com a crescente infra-estrutura nos Estados Unidos. E certamente podemos fazer, de forma direta, uma exploração científica remota, trabalho de laboratório remoto, o que consideramos muito importante.

O fenômeno da Internet

Quero mostrar-lhes, ainda, o que está se passando em termos de Internet. A Internet é um fenômeno nos Estados Unidos: em três anos vimos mantendo um constante crescimento no acesso à Internet nas escolas e salas de aula, a ponto de acreditarmos que, por volta do ano 2000 / 2001, teremos todas as nossas escolas e mais da metade das nossas salas de aula conectadas à rede.

Aprendemos muitas lições sobre tecnologia usada nas salas de aula. Temos de ligar tecnologia com instrução, senão teremos apenas computadores e aparelhos de televisão, mas não teremos resultados de instrução. Descobrimos que não é suficiente ter computadores ou televisões em uma ou duas salas de aula na escola. Devemos ter uma massa crítica, precisamos de professores trabalhando junto, precisamos providenciar suporte técnico. Isso é algo que, no início, não entendíamos completamente, mas se não tivermos suporte técnico e a tecnologia parar de funcionar, acreditem, os professores não serão capazes de progredir por conta própria.

Finalmente, quero deixá-los com quatro idéias-chave sobre tecnologia, que, acredito, são realmente diferentes quanto ao nosso pensamento sobre o que devemos fazer em seguida. A primeira idéia é a de que devemos pensar em inovar a tecnologia, não nota por nota, mas muitas coisas ao mesmo tempo: treinamento de professores, acesso, desenvolvimento curricular, gerenciamento. Quando as notas de um acorde de piano vêm juntas, temos um conjunto de esforços e não um esforço único.

As vezes nos tornamos tão ocupados em fazer nossos projetos que esquecemos que é muito importante colocar em prática o que concluímos. Tudo isso para verdadeiramente saber onde estamos, aonde vamos, o que os alunos estão aprendendo e o que está mudando com o passar do tempo. Não é fácil. Fácil é medir as mudanças em motivação, mas é muito mais difícil medir mudanças no currículo, medir mudanças no real desempenho do estudante. O público não dá muita atenção a gastos com tecnologia, e quando se começa a gastar dinheiro, as pessoas perguntam por resultados. Portanto, devemos juntar resultados ao que estamos fazendo, sejam resultados a curto prazo ou, espero, também resultados a longo prazo.

Por último: pelo menos nos Estados Unidos, com toda a nossa diversidade e com a educação sendo de responsabilidade local, somos muito bons em demonstração de projetos. Temos ilhas de excelência nos Estados Unidos. Mas crescer nas escolas, chegar a cada professor de cada comunidade não é nada fácil, e esse é o objetivo que temos, agora, no governo Clinton. Acreditamos que vamos conquistar este objetivo e tirar proveito do trabalho e de todos os esforços que vocês estão fazendo no Brasil, assim como estão fazendo na França e também no Chile; acredito que a principal característica deste seminário é a de ser um exemplo e uma oportunidade para trocarmos as nossas experiências.

PESQUISAS SÔBRE A TV ESCOLA

Sônia Draibe

*Diretora do Núcleo de Estudos de Políticas Públicas e
Professora da Universidade Estadual
de Campinas Unicamp / Brasil*

Vamos falar sobre a pesquisa *A TV Escola e a sua implantação*. Para esse programa em especial, repetimos, em 1998, um *survey* que realizamos em 1997, para que pudéssemos ter dados comparativos. Trabalhamos com o universo de escolas do ensino fundamental, municipais e estaduais, todas públicas e urbanas. A nossa amostra foi nacional, estratificada por porte de escola, por porte de município, por divisões administrativas, estaduais e municipais, e por Estado. Fizemos uma amostra representativa por unidade da Federação, dadas as diferenças intra-regionais tão grandes, como todos conhecem.

O segundo módulo dessa investigação foi uma pesquisa de campo realizada em 1997. Trabalhamos em oito Estados, com quatro municípios em cada Estado - a capital e outros três -, e então fizemos entrevistas com todos os agentes implementadores envolvidos nos programas. Além deles, alunos e pais de alunos, e membros de conselhos e colegiados, tanto da escola como do município, relacionados com os programas que estávamos avaliando. Finalmente, fizemos observações *in loco* em dez escolas, nas quais estávamos e ainda estamos observando processos mais detalhados de operação dos programas. Selecionei alguns conjuntos de evidências - poucos, infelizmente, mas que pudessem nos oferecer alguma reflexão.

Tomo, em primeiro lugar, os resultados principais do programa TV Escola. As perguntas eram óbvias. Quais eram os indica-

dores de resultados mais palpáveis que pudéssemos ter no que se refere à cobertura? Tomamos cinco indicadores para apresentar neste momento: estamos trabalhando com a cobertura (onde o programa está), se os kits chegaram, se estão instalados (segundo o indicador), se estão funcionando, se há gravação de transmissões na própria escola e qual é o percentual de escolas que têm, em sua videoteca, mais de 100 filmes gravados.

A eficiência da TV Escola

Queria comentar esses números. O kit está se generalizando, se universalizando para o conjunto de escolas. Temos somente 10% das escolas urbanas da nossa amostra ainda sem equipamento; o crescimento foi, entre um ano e outro, de 16%. Há importantes variações regionais, variações muito acentuadas entre escolas municipais e estaduais, e variações entre escolas de portes diferentes - entre a grande, a pequena e a média. As variações entre os municípios de diferentes portes são pequenas e pouco significativas. Entretanto, esse é um dos dados mais significativos da pesquisa de 1998, ou seja, onde cresceu a cobertura do kit? Cresceu exatamente naquelas escolas que estavam menos cobertas no ano passado, aqueles grupos de escolas que estavam em posição inferior em relação à cobertura no ano passado. Então, se houve um crescimento da ordem de 16% no âmbito nacional, no âmbito das escolas municipais o crescimento foi da ordem de 25%; no caso das escolas municipais do Nordeste, foi de 37%; e no caso das escolas da Região Norte, foi de 30%. Do ponto de vista da equidade, o programa apresentou logros muito importantes entre um ano e outro, isto é, ele cresceu e teve resultados melhores exatamente naquelas regiões ou naqueles grupos de escola que tinham os piores indicadores no ano passado. Desse ponto de vista, os indicadores de cobertura mostram que a participação relativa daquelas escolas que participavam menos, as pequenas, as municipais e aquelas que eram menos cobertas no ano anterior, aumentou.

Outro bom indicador em capacitação é saber quem está trabalhando. Como se divide internamente a economia das escolas para que isso aconteça? Até onde o coordenador pedagógico e os professores estão, de fato, envolvendo-se com essa programação? Creio que esse é um indicador de qualidade, que sinaliza o grau de institucionalização do programa, e que esta é uma das medidas que estamos tratando de desenvolver. Há um crescimento da ordem de 26% e de 51%, respectivamente, na participação do coordenador pedagógico e dos professores na gravação dos filmes; e um crescimento de 27% e 58%, respectivamente, na participação deles na seleção de filmes. O diretor também participa dessas duas atividades. Há indicadores de que, quando o diretor se envolve, muitos dos outros resultados do programa são alcançados. No entanto, na nossa opinião, o programa estará cada vez mais institucionalizado na medida em que ele entrar na rotina da capacitação das escolas, no planejamento, na preparação das aulas, e essa é uma relação do coordenador com os professores e da própria atividade com os professores.

Quanto aos indicadores de eficiência do programa, nos perguntamos: quem está usando o programa? Já foi dito, em palestra anterior à minha, que o programa é usado com alunos e professores. De qualquer maneira, estamos nos perguntando sobre o comportamento do uso em capacitação. Parece-me que este é um objetivo importante, e que ambos, o uso com capacitação e o uso com o aluno em sala de aula, estavam no ano passado na ordem de 60% ou 66%; houve um crescimento, não muito alto, desse nível de capacitação. Contudo, o equilíbrio entre os dois destinos dos programas permanece. Por outro lado, aumenta a intensidade do uso com professores, em programas semanais, na ordem de 14%. Perguntamos também: que outros filmes são usados, além dos filmes da programação? Neste caso, houve uma queda na utilização de outros filmes e aumento no uso de filmes do programa próprios para capacitação.

O programa apresenta variações importantes e positivas entre um ano e outro. Ele enfrentou dificuldades no início, difi-

culdades de estratégias de implementação, e entre essas dificuldades está a de que o governo federal não é um operador de rede, isto é, as redes são dos Estados e municípios, e temos uma estrutura de federação bastante acentuada, o nosso federalismo é forte. Isto significa que os entes federativos têm autonomia para as suas decisões. Dessa forma, acho que a melhoria da educação na escola passa por uma estratégia de negociações com as redes estaduais e municipais, e é essa a estratégia que vem sendo seguida. Contudo, há uma margem a ser cumprida para que se aumente o envolvimento das instâncias regulares de capacitação e uso deste programa como rede.

Gostaria de pedir aos dirigentes do MEC que observem essas estatísticas e que percebam que elas extrapolam o programa. Não nos é característico controlá-las ou melhorá-las, a não ser num sentido estratégico de como desenvolver certas áreas, mas estamos falando da necessidade de integração com outras estratégias, tanto federais quanto estaduais e municipais, para que o conjunto dessas variáveis melhore, bem como o desempenho do próprio programa.

Para terminar, insisto que, do ponto de vista dos resultados numéricos, há êxito do programa, as coberturas estão aumentando e também o seu desempenho. Há dificuldades institucionais a serem enfrentadas ainda, que dizem respeito à integração do programa na rotina escolar. Para isso, o programa conta, de um lado, com boas bases, incluindo a adesão dos agentes, a boa resposta dos professores, dos diretores etc. E, de outro lado, conta com a existência de barreiras institucionais ou de características mais estruturais das escolas, tais como as que apresentei nesta exposição.

TV ESCOLA NO ÂMBITO DAS SECRETARIAS DE EDUCAÇÃO

Ramiro Wahrhaftig

*Presidente do Conselho Nacional de
Secretários de Educação - Consed/Brasil*

Quero apresentar o relatório de envolvimento do Consed com o MEC. Nossa postura perante o Ministério é sempre propensa à parceria, ao trabalho conjunto, e isso tem possibilitado um avanço no desenvolvimento educacional do País. Esse avanço pode ser notado, ao menos no ensino fundamental e no ensino médio, desde 1995.

Nós, os Estados, somos responsáveis, segundo o censo do ano passado, por cerca de 26 milhões de alunos dos cerca de 45 milhões de estudantes do ensino básico do País. Desses 45 milhões, temos 6 milhões que pertencem às escolas privadas de ensino e 13 milhões que são alunos das redes municipais de ensino. Em função disso, é claro, a parceria do MEC com o Consed é fundamental para o sucesso da implementação de políticas educacionais, como a do projeto da TV Escola.

Como principal interlocutor institucional dos Estados na área de educação, o Consed assumiu um papel relevante nesse esforço de articulação do apoio e do envolvimento das secretarias de educação dos vinte e seis Estados e o Distrito Federal. Com esse objetivo, e em cooperação com o MEC, através da Secretaria de Educação a Distância, o Consed criou e desenvolveu o projeto de implementação ao acompanhamento e avaliação da TV Escola.

la, que contou com ajuda financeira e assistência técnica viabilizadas no âmbito de cooperação Brasil-Unesco.

Este projeto foi executado em duas etapas: a primeira de novembro de 1995 a abril de 1996 e a segunda de junho de 1996 a maio de 1997. O significativo volume inicial de recursos públicos que foram aplicados na aquisição dos equipamentos necessários para a implantação da infra-estrutura da TV Escola e o caráter inovador do programa tornaram indispensável o desenvolvimento de um sistema permanente de acompanhamento e avaliação dessa política.

Durante a primeira etapa do projeto de apoio ao acompanhamento e implementação da TV Escola, tiveram prioridade as atividades de apoio às secretarias estaduais de educação, na implantação física do programa, principalmente na compra dos kits tecnológicos e na sua distribuição para as escolas.

Durante a segunda etapa do projeto, desenvolvida no período de junho de 1996 a maio de 1997, foram incrementadas ações de acompanhamento e avaliação propriamente ditas, com a realização de três pesquisas nacionais, por amostragem, mediante a aplicação de um questionário único em um conjunto representativo de escolas selecionadas de cada Estado. Esses levantamentos cumpriram importante papel no monitoramento da implementação do programa, oferecendo subsídios valiosos para os ajustes e as correções das estratégias adotadas.

O balanço desse trabalho aponta um saldo muito positivo, principalmente por ter promovido um efetivo envolvimento político das secretarias de educação na implementação da TV Escola. A familiaridade do brasileiro com a linguagem televisiva não chegou a ser uma vantagem para a introdução desse meio no universo escolar. Ao contrário, a TV Escola, a exemplo de outras iniciativas similares, depara-se com o desafio de criar programas educativos capazes de competir com a programação de entretenimento da televisão comercial brasileira, que, como sabemos mantém um índice de audiência extremamente elevado, sobretudo quando comparado com o de outros países.

A TV Escola não teve, portanto, o apelo da novidade, exceto em regiões mais afastadas e carentes, onde a televisão não estava presente no cotidiano. O risco sempre foi, na verdade, o de que sua programação perdesse em um ambiente caracterizado por certa saturação de estímulos audiovisuais. O grande diferencial da proposta da TV Escola é a possibilidade de estabelecer formas interativas de comunicação.

Acredito que a orientação do programa caminha na direção certa, pois tem havido, desde o início, a preocupação de promover um *feedback* permanente com a comunidade escolar que recebe a sua programação. Além disso, a possibilidade de gravar os programas veiculados e o material de apoio produzido e distribuído pela TV Escola oferecem condições para que a sua recepção e a sua utilização sejam processadas de forma crítica e participativa.

Hoje, contamos com uma programação rica e variada, mas que ainda não ocupa integralmente o espaço diário desse canal. Haveria, portanto, condições para veiculação de programas regionais, ampliando a grade de programação, o que descobrir-se-ia no surgimento de núcleos regionais de produção. Uma demanda captada pelas pesquisas realizadas pelo Consed junto aos sistemas estaduais de ensino é justamente a veiculação de programas voltados para as diferentes realidades regionais, programas que contemplem a diversidade cultural brasileira e que discutam problemas específicos em cada Estado e de cada sistema de ensino.

Enriquecendo conteúdos

No fundo, percebe-se que existe uma legítima aspiração de que a TV Escola não repita o modelo das redes nacionais de televisão, que impõem uma massificação cultural a partir de valores hegemônicos definidos pelas regiões economicamente dominantes. E sentimos que essa é uma preocupação da direção da programação da TV Escola, desde o seu início.

Desde os primeiros levantamentos realizados pelo Consed, já se evidenciava uma tendência de uso preferencial da TV Es-

cola, nas atividades em sala de aula, como recurso para enriquecer os conteúdos curriculares.

Já o fraco aproveitamento da TV Escola na capacitação e formação continuada decorre da falta de estímulo ao professor. Para isso, gostaria de citar algumas sugestões. Para acompanhar os cursos, o professor precisa investir ao menos algum tempo adicional às suas atividades normais, embora já tenha sido ressaltado que a falta de horário específico para assistir aos programas e a falta de incentivo, provocada pelos baixos salários, foram apontados pelos professores consultados nas pesquisas realizadas pelo Consed como as principais razões para a não adesão aos cursos oferecidos pela TV Escola. Essa aparente apatia pode ser superada com políticas de incentivo.

Para finalizar, ressalto o fato de os secretários estaduais de educação terem um papel insubstituível na implementação e dinamização da TV Escola, tanto na sua respectiva rede de ensino fundamental quanto nas escolas municipais, em articulação com as secretarias municipais de educação.

Como proposta, gostaria de registrar que o Consed encontra-se extremamente propenso a atender à solicitação da professora Mindé Badauy de Menezes, feita na Reunião de Tocantins, no sentido de aprofundar a discussão da utilização da TV Escola como instrumento de capacitação e incentivo de professores. Dessa forma, a partir do momento em que tenhamos a possibilidade de certificar os docentes através da utilização da TV Escola, teremos a absoluta certeza de que o instrumento televisão vai ser o instrumento mais utilizado ou, ao menos, utilizado mais adequadamente do que é hoje.

A PERSPECTIVA TEÓRICA DO ENSINO ABERTO A DISTÂNCIA E A TELEVISÃO

Lorenzo Garcia Aretio

*Diretor do Instituto Universitário de Educação a
Distância da Universidad Nacional
de Educación a Distancia - Uned/Espanha*

Proponho-me a oferecer-lhes um marco referencial do que é o ensino a distância em geral, uma perspectiva teórica em que se podem incluir os programas da TV Escola e outros programas que conheço bastante bem da realidade brasileira.

Dedico-me, há muitos anos, a pesquisar e a escrever sobre ensino-aprendizagem aberto e a distância. Quando falamos de formação a distância, ocorre nos encontrarmos com propostas teóricas e tecnológicas que apontam em um sentido, e se comprovar que é por aí que devem ir. No entanto, as realizações práticas apontam muitas vezes o sentido contrário. Daí o fracasso de tantos projetos. Daí o ceticismo que se tem diante do ensino a distância, sua falta de credibilidade quando atuações conhecidas e analisadas criticamente por mim vão em sentido contrário ao que já está demonstrado, ao que está mais que provado, mais que estabelecido.

Talvez a construção de um edifício, uma casa, funcionasse bem em nosso projeto de ensino-aprendizagem. Vamos começar nosso edifício pelo teto, supondo que depois esse teto será sustentado por bases sólidas. É a teleformação - ou formação a distância -: vamos construindo e dando forma, primeiro sinalizando o que poderíamos considerar como a formação a distância.

A quem dirigimos a formação a distância? Que meios vamos utilizar? Que metodologias concretas vamos aplicar? Que organização e estrutura vamos empregar? Montamos um sistema de ensino a distância com numerosas sessões presenciais ou com nenhuma sessão presencial? Vamos utilizar muito ou pouco o correio postal? Que importância vamos dar, nessa era tecnológica, ao material impresso? E ao rádio, esse instrumento tão pouco utilizado? E a televisão, vamos utilizá-la mais ou menos? O telefone, o áudio, o vídeo, o computador, até onde irá a utilização desses instrumentos.

Definindo educação a distância

A dificuldade de definição é universal. Devido às semelhanças ou às diferenças nos empenhamos constantemente em assinalá-las quanto ao ensino presencial e ao ensino a distância. E ainda existem as instituições duais ou mistas, que ensinam presencialmente e ao mesmo tempo mantêm programas a distância, que são as formas híbridas de ensino.

Em todo caso, atrevo-me a dizer que a construção que estamos realizando, de um teto para a nossa casa, assinala os aspectos básicos da formação a distância. Entendo que a formação a distância é um sistema que substitui essa relação pessoal do aluno, de formador e participante, um meio sistemático e habitual de formação, por uma ação conjunta de diversos recursos didáticos. Cada um pensa no recurso que em seu programa ou projeto tenha prioridade. Com o apoio insubstituível e com a tutela de uma organização, o aluno nunca deve sentir-se só. A organização é quem propicia um aprendizado independente e flexível no tempo e no espaço dos alunos.

Poderíamos enfatizar mais alguns aspectos do que outros, mas é basicamente o que hoje vimos entendendo por formação a distância. Um ensino a distância é bom porque é aberto, flexível, eficaz, e econômico.

Vamos analisar cada uma dessas características. Afirmo que o ensino a distância é positivo e interessante quanto à sua capacidade de abertura. É aberto a uma ampla e diversificada oferta de cursos.

O ensino a distância é flexível, porque permite uma flexibilidade de espaço. O aluno pode estudar onde ele quiser: na roça, na oficina, na fábrica, em casa, na prisão. Falo em flexibilidade de assistência e tempo. Onde e quando estudar? Quando você quiser: pela manhã, à tarde, à noite, nas férias, de madrugada. Flexibilidade de rapidez de aprendizado. Qual a velocidade para aprender? A que você deseja: o livro, o CD-ROM, o vídeo e o áudio nunca vão cansar e sempre vão dar ao usuário a possibilidade de voltar quantas vezes forem necessárias.

Falo também de flexibilidade na eleição do currículo. O aluno pode organizar o seu próprio currículo, pode ter a possibilidade de se programar, até mesmo quanto ao tempo de avaliação. Flexibilidade ainda quanto ao tempo dedicado ao estudo, porque envolve família, trabalho e estudo, com as grandes possibilidades que a união desses três fatores traz.

Quanto à eficácia, posso dizer que os bacharéis da Uned espanhola têm tanto ou mais prestígio na Espanha do que os bacharéis de universidades famosas como a Universidade de Barcelona.

Finalmente, notamos a vantagem no que diz respeito à economia. A educação a distância é mais barata porque se resolve o problema de pequenos grupos e economizam-se despesas de transporte do professor e de quem está se formando. O ensino a distância, nesse delineamento, traz vantagens para o estudante, para os empresários e para os governos, porque democratiza-se o acesso à educação e ganha-se em custo-benefício.

Os programas seguram um dos lados do nosso prédio. Eles têm de estar sujeitos às diretrizes do Ministério da Educação e de instituições privadas, que têm de estar atentas a quais são as necessidades de formação da sociedade brasileira, no caso.

Na nossa construção, temos, no meio, os alunos e a relação de um com o outro. Esta é a chave, a essência dos programas de formação a distância. Em educação geral, atendem-se basicamente

crianças e jovens que não podem assistir às aulas, aqueles de recursos *escassos* ou sujeitos à falta de qualificação de professores, como poderia ser o caso da TV Escola.

Vamos continuar na construção da nossa casa. Temos, a seguir, *os* docentes e os especialistas. Dos docentes vamos dizer, simplesmente, que podemos encontrar os seguintes tipos: especialistas em conteúdos, especialistas em produção de materiais e os tecnocratas da educação, que vão ter de intervir na produção de materiais. Temos ainda os especialistas em comunicação, editores e desenhistas.

Uma coluna importante seria a dos materiais. O que mais me preocupa é a estrutura desses materiais. Podemos dizer que, mais do que a natureza, a estrutura e a sequência dos conteúdos daquilo que se quer ensinar, o que realmente preocupa na formação a distância é a estrutura pedagógica e o estilo didático desse material. Já vi materiais sofisticados, maravilhosos, atraentes, mas sem estrutura pedagógica em nenhum sentido. Por isso, teríamos de perguntar: o que queremos que *os nossos* alunos aprendam?

Construímos os materiais e, a seguir, a comunicação. Quanto às vias de comunicação, elas podem ser, obviamente, vias de comunicação postal, telefônica, telemática, os impressos, os audiovisuais e os informáticos.

A seguir, temos o objetivo, a missão, o programa da nossa construção: os alunos, as técnicas e as estratégias, os docentes e os especialistas que se relacionam, a coluna dos materiais, da comunicação, da interação entre todos. E teríamos, para segurar - ou a casa cairia sobre nós -, a administração e a direção. Administração e direção fortes, prédios e equipamentos perfeitamente instalados e o elemento substancial que não pode faltar em nenhum processo ou delineamento destas características: a avaliação de todo o processo.

Dessa forma, acredito que tenhamos construído um bom edifício de ensino a distância. Espero tê-los convencido de que a teleformação é, sem dúvida, a formação do futuro.

LA CINQUIÈME E O MUNDO DOS DOCENTES: ANÁLISE DE UMA PARCERIA

Hélène Waysbord

*Inspetora-Geral de Educação Nacional da França,
responsável pela TV Educativa do
Ministério da Educação Nacional da França*

Na França, a educação e a televisão vivem um antigo casamento. Como todos os casais têm uma história anterior, esse também tem uma história com sucessos, e também muitas ilusões, esperanças e decepções. Mas, para chegar aos dias de hoje, com o nascimento do canal La Cinquième, que é atualmente o grande canal de programas educativos e culturais, tivemos de situar o papel da TV na escola sobre bases novas, e é isso o que vou tentar apresentar, este relacionamento entre o mundo educativo e o mundo profissional, principalmente através do canal La Cinquième.

O que caracteriza esse canal é que a sua criação não foi feita pensando em ser um canal escolar; digamos que ele não é um recurso destinado à educação a distância, como muitos dos exemplos que conhecemos neste seminário. A sua denominação é de "Canal do saber, da formação e do emprego", o que mostra que os seus objetivos culturais e sociais vão além da escola e do aprendizado estritamente escolar. É um canal de descobertas, de informações de qualidade, de cultura, naturalmente com espaço especial para os jovens, e uma vontade de integração dos programas audiovisuais no sistema educativo. Desde que foi lançado, no final de 1994, esta é uma orientação que vem sendo mantida.

Com relação à TV Escola, que foi lançada em setembro de 1995, é interessante comparar os dois projetos, pois são quase paralelos

na duração. Na França, que é, para mim, um país especial, principalmente em pedagogia e educação, a escolha de um canal cultural e educativo, no sentido amplo, fez com que um dos problemas difíceis - o do risco de concorrência e de uma rivalidade com a escola - não tenha se estabelecido, o que, com frequência, na história das relações entre a escola e a televisão, tem sido um ponto crucial. Para situar exatamente a prioridade do canal La Cinquième, eu diria que temos de ser vistos, de preferência, como um canal em que os programas audiovisuais de qualidade e bem adaptados podem contribuir para reforçar a eficiência da aprendizagem. O objetivo que corresponde exatamente ao nosso tom e à experiência e cultura dos jovens é o de integrar melhor a cultura da imagem no ensino da França, porque, nesse sentido, estamos um pouco atrasados. Eu acho que o nosso sistema educativo é muito bom no que diz respeito ao texto e ao que é impresso, mas existem mais dificuldades com relação à imagem.

Dessa forma, gostaria de apresentar, divididos em algumas etapas, dois pontos: a TV educativa - da utopia à realidade, olhando algumas experiências do passado -; e a parceria do mundo educativo com o canal La Cinquième, tal como foi construída desde 1995.

Quando a televisão chegou ao grande público, houve, no mundo educativo, um enorme entusiasmo e uma enorme esperança de reforçar o poder do aprendizado de uma maneira formidável, graças a estas ferramentas maravilhosas e a esta grande força da imagem.

No início, tivemos a ambição e a convicção de que íamos construir um forte sistema educativo, fornecendo, simplesmente, a sedução, a emoção e a convicção peculiares à imagem. Nos anos 70, no seio do Ministério da Educação Nacional da França, desenvolveu-se uma enorme produção de programas educativos de qualidade, uma operação de grande porte, chamada *Jovem telespectador ativo*. O seu nome reflete bem o que quer dizer, ou seja, fazer com que os alunos sejam capazes de receber bem a televisão, de controlar essa ferramenta, no sentido de que possa enriquecê-los. Ao longo dos anos 70 foram fundadas, verdadeiramente, as bases válidas de uma educação na televisão e de uma educação pela televisão. No entan-

to, essas iniciativas mobilizam mal o conjunto do mundo do ensino, que é, e sempre foi, desconfiado, principalmente no que diz respeito à televisão e à sua maneira de intervir com os profissionais.

A TV educativa na França

Na França, temos uma história bastante curiosa. Fizemos programas de qualidade, mas não tínhamos equipamentos; depois, ganhamos equipamentos, mas as condições de difusão na televisão eram muito difíceis. Por outro lado, o fornecedor dos programas educativos, pioneiro na educação nacional, o Centro Nacional de Documentação Pedagógica - CNDP, em vez de continuar trabalhando internamente, praticou uma política de parceria com as grandes redes públicas e conseguiu a difusão destes programas com horas de audiência em redes de grande importância. Assim, reunimos, na época em que vivemos as melhores condições, uma dinâmica totalmente favorável no conjunto da sociedade, que estava à procura de uma formação generalizada ao longo da vida; tínhamos uma mídia forte, o desenvolvimento de novas tecnologias e a abertura de um imenso mercado educativo. É importante o potencial educativo das novas ferramentas, como os jogos de vídeo, o CD-ROM e a Internet, mas é impossível considerar o desenvolvimento da televisão e desses programas educativos independentemente de todo esse conjunto de suportes.

Na França, se a situação foi difícil com a televisão durante 30 anos, hoje, ao contrário, vemos a grande rapidez com que o mundo educativo vem se apropriando da Internet na sua prática. O desenvolvimento educativo, com as novas tecnologias, não é somente um problema de tecnologia, mas um problema cultural também. A Internet se desenvolve, talvez porque com a Internet existam processos de intercâmbio que estão muito mais na cultura dos que ensinam do que na televisão. Portanto, é nesse contexto que o conjunto de fatores está reunido. A demanda social é muito importante, para o canal La Cinquième, desde o seu lançamento.

Dessa forma, produz-se a reconciliação simbólica, segundo ponto deste quadro da relação: a produção de programas adaptados e pertinentes para o aprendizado.

Outro ponto que o canal La Cinquième resolveu com o mundo do ensino foi o seguinte: o sistema francês está formado por 72 academias; nessas academias, foram sendo criados observatórios que incluíam professores, diretores de escola, usuários de TV educativa, os quais fizeram o papel de informadores, de observadores de programas e de avaliadores. Era a primeira vez que uma parceria dos dois mundos, uma parceria desta dimensão nacional, existiu em nosso país.

Eu diria que chegamos - e essa vai ser a conclusão na qual vou insistir - a um conceito muito diferente, hoje, de TV educativa. Precisamos ter um estoque de programas sem direitos, utilizáveis nas salas de aula, por encomenda, ou seja, não só os que passam no canal, mas programas - e aqui faço a junção do computador e da televisão - numerados, distribuídos e telecarregados no computador, além de disponíveis caso sejam solicitados. É a concepção de uma nova idéia de TV educativa na França, chamada Banco de Programas e Serviços, no canal La Cinquième, na qual passamos da idéia de uma televisão de antena à de uma televisão de estoques, com um grande repertório de recursos. A grande idéia é que esses seriam os recursos pedagógicos para os quais precisamos nos voltar, de modo que devemos solucionar rapidamente os problemas técnicos e os problemas de custo para que isso se realize.

Como conclusão, depois de longos períodos de tentativas e um projeto com uma grande rede nacional, parece que hoje estamos diante de um conjunto de fatores necessários para que essa idéia, de uma TV educativa ao redor da qual giramos há muitos anos, esteja a ponto de realizar-se de maneira integrada pela escola. O que me parece essencial, e aqui encerro a minha exposição, é: hoje é impossível ensinar a uma geração que tem o costume de entender, de informar-se, de aprender, pela união do texto, da imagem e do som; para esta geração é impossível construir aprendizados que não utilizem a imagem, o som e o texto. É esta a cultura que a nova tecnologia deve fazer entrar na escola, de forma completa e de maneira legítima.

OS PRÓXIMOS PASSOS EM TV EDUCATIVA E INTERNET! ENVOLVENDO ESTUDANTES NO PROCESSO DE PRODUÇÃO

John Richards

Vice-Presidente da Turner Learning, Inc. /EUA

Em 1989, Ted Turner anunciou que forneceria uma sala de noticiário da CNN para nosso programa, livre de comerciais. Nos Estados Unidos, o horário da costa leste começa às 4h30 da manhã; professores e escolas podem gravá-lo e usá-lo como base para discussões. A imagem da televisão começa a ser alterada. Ela não mais é vista como uma mídia passiva, que nos diz que o que temos de fazer e que não nos deixa nada para falar. Mais do que isso, opera-se agora uma nova maneira de começar uma lição em sala de aula, dando ao aluno um argumento, uma imagem ou um panorama do que está acontecendo no mundo. Como estamos entrando no décimo ano de atividade, procuramos qual deve ser nosso próximo passo, isto é, como podemos combinar mídia múltipla de uma maneira que nos leve ao Século 21.

Quando Ted Turner cedeu uma sala de noticiário, foi para criar cidadãos do mundo, apreciando suas particularidades e diferenças. Isto para mim é uma visão crítica determinante, a de colocar a voz do aluno no ar e na Web.

Temos de entender que a mídia está cada vez menos importante. Agora estamos em TV, mas quando começarmos a misturar

a televisão com outra mídia, teremos uma *Web-TV*, na qual nos movemos da Internet para o vídeo e de volta à Internet.

Para mim, a diferença é algo muito importante; a diferença de participação *versus* a entrega. Esta é a diferença de se colocar vídeo na Web e de se colocar vídeo na TV; será uma experiência diferente, pois a extensão é diferente. Da mesma maneira, poderemos assistir a um filme no cinema, no vídeo ou direto da televisão; terão sido três experiências diferentes. Uma é social, de grupo, e ficaremos com raiva de ver propaganda na sala de cinema; mas a toleraremos se a estivermos assistindo no vídeo e, se perdermos uma parte, poderemos voltar a fita. Já a regra para assistir na Web é diferente, pois posso dar um clique e entrar em outro lugar. O que percebemos quando produzimos vídeos para a Web é que nunca conseguiremos assistir a 60 minutos no computador, vamos querer assistir a um minuto e meio ou a dois minutos no máximo.

Marshall McLuhan nos disse que as coisas não seguem todas sendo iguais; quando mudamos o meio, estaremos mudando sua maneira de aprender. Sendo assim, para mim as notícias são algo muito importante. Importante porque os livros didáticos, no dia em que são impressos, já estão desatualizados. Colocar as notícias juntas e organizá-las é ter, hoje, os livros didáticos de amanhã. E podemos integrar as notícias no currículo. Se olharmos o mundo desse jeito, o ensino mudará para sempre e os alunos pensarão a respeito disso de uma maneira diferente.

Finalmente, outro ponto importante da minha abordagem é o de que estudantes aprendem participando. Temos de envolvê-los no processo, fazê-los investigar as notícias. Assim, os alunos começarão a olhar para o currículo não mais como algo desconectado de suas vidas, mas como algo que os liga ao que acontece no mundo. Mas nunca vamos chegar ao fim, pois isso é um processo, nós estamos em uma estrada de descobrimento que nenhum de nós sabe onde vai dar. Nós estamos explorando, e como vocês escolheram estar aqui, que sejam bem-vindos à viagem!

AVALIAÇÃO DO IMPACTO DA TELEVISÃO NOS PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM NAS ESCOLAS NORTE-AMERICANAS

Sandra Welch

*Vice-Presidente Executiva para Educação do
PBS - Public Broadcasting Service / EUA*

Gostaria de começar apresentando-me, para que possam conhecer a estrada por que passei nesse meio chamado televisão educacional. Quando me formei na Universidade, no meu estado natal, Kentucky, muito tempo atrás, meu primeiro emprego foi na escola primária, como bibliotecária. As aulas ainda não tinham começado. Eu tinha minha pequena biblioteca, com os livros todos organizadamente alinhados nas prateleiras. Imaginava as crianças chegando, dentro de alguns dias, quando a diretora me disse: "Welch, há essa coisa nova chamada televisão educacional e decidi que nossa escola vai usá-la. Vou começar com uma TV e vou dá-la a você, que será a primeira a usá-la em sua biblioteca." Bem, primeiramente, nunca tinha ouvido falar em televisão educacional e não podia imaginar o que viria a ser, tampouco achá-la útil em minha biblioteca. Eu estava, honestamente, muito abalada e não a queria. Mas, como era uma professora iniciante, sem nenhuma idéia, e não queria ser demitida em minha primeira semana, eu disse: "Claro! Eu pego a TV." Ela então me deu a programação e disse: "Tem um programa aqui que parece que pode interessar às crianças em leitura." E novamente pensei que aquilo não fazia sentido, porque televisão afastava as crianças da leitura.

Bem, para encurtar a história, fui coagida a programar o horário, e quando as crianças tivessem aulas na biblioteca, eu iria ligar a TV. O programa durava 15 minutos: havia um homem jovem e simpático segurando um livro, contando histórias. Eu até tinha uma cópia daquele livro na minha biblioteca. Quando o programa acabou, houve quase uma revolução na biblioteca, com crianças querendo aquele livro! E percebi, naquele momento, a força da televisão e como ela pode fazer uma diferença tremenda na nossa aprendizagem, na nossa motivação a querer ler e aprender mais!

A educação como missão

Isso foi há muito tempo e percorri esse caminho todo para estar neste seminário, com vocês. Começamos falando sobre a minha organização, The Public Broadcasting Service (Serviço Público de Transmissão), e o que fazemos no PBS. A educação está no centro da missão da televisão pública. Em 1968, o PBS foi criado como uma organização de coordenação da distribuição nacional. Não somos uma televisão governamental; somos uma organização privada, que foi formada pelas estações locais, que começaram a entrar no ar em 1954, nos EUA. Hoje, há 349 dessas estações locais, e elas escolhem se querem tornar-se membros do PBS. Nenhuma outra organização em nosso país, com tal *networking*, pode alcançar tantos lares, escolas, universidades e locais de trabalho como o PBS. Nós somos praticamente universais no país, no sentido do alcance de nossos sinais. E nossas estações não só usam transmissão no ar, como também satélites a serviço das escolas, para que haja canais adicionais; também usam os sistemas de cabo locais, e agora estamos direcionados aos canais de transmissão direta também.

A televisão pública, nos EUA, foi pioneira em implementar um número de estratégias tecnológicas bem-sucedidas, para suprir nossas necessidades educacionais. Gostaria de descrever três estratégias específicas que aplicamos recentemente e mos-

trar alguns dos resultados que obtivemos. Elas incluem estratégias na educação pré-escolar, desenvolvimento profissional de professores e educação para adultos.

A primeira estratégia é na educação pré-escolar, um projeto chamado *Pronto para aprender*. Há quatro anos, iniciamos um esforço experimental em dez de nossas estações locais ao longo do país, nas quais desenvolvemos extensa variedade de programas educacionais de qualidade para a criança, combinados a um programa de treinamento direcionado. Esse experimento cresceu de dez estações e dez mercados ao longo do país para cento e vinte três estações, hoje, e o serviço de transmissão é acessível a quase todas as escolas e casas do país. O objetivo do projeto *Pronto para aprender* é: fazer uma programação acessível e da maior qualidade, dirigida à educação. Nosso objetivo com essas crianças pequenas é o de treiná-las a usar a televisão, para ajudá-las a melhorar sua aprendizagem e irem para a escola prontas para aprender.

A segunda estratégia do PBS é o projeto que estamos desenvolvendo diretamente para professores na escola. Os professores, agora, têm disponível um amplo número de canais e fontes em suas salas de aula, e dizem usar a televisão pública mais que qualquer outro serviço. Nos EUA, os computadores estão ficando cada vez mais disponíveis, também: 86% dos professores dizem ter ambos, computador e televisão, disponíveis. E o que foi interessante para nós é que, uma vez começando a usar o computador, os professores não usam menos a televisão; de fato, um quarto deles disse que o uso da televisão, na verdade, aumentou a partir do momento em que tiveram também a oportunidade de usar o computador. Além de dar aos professores esses programas com fontes, também viabilizamos um desenvolvimento profissional muito direto em certas áreas.

A terceira estratégia é com relação à educação de adultos, um programa chamado *Ligação de aprendizagem*. Temos mais de 40 milhões de habitantes em nosso país com habilidades abaixo do nível adequado; somente de 2 a 4 milhões deles es-

tão servidos pelo programa. Como resultado, novamente mediante o suporte financeiro do Departamento de Educação, estamos criando um novo vídeo e um sistema integrado de educação na Internet, que vai ajudar esses adultos a desenvolver as suas habilidades essenciais para o trabalho. Vamos estar pisando em solo novo, *on-line*, na Internet, no sentido de dar a esses adultos com instrução insuficiente uma oportunidade de contato conosco, com instrutores, com outros estudantes de todo o país - e esperamos que eventualmente do mundo todo -, para aumentar suas habilidades a um nível em que eles possam ser competitivos no mercado.

Finalmente, gostaria de mencionar o que está acontecendo nos EUA com as conversões digitais. Estamos começando agora o processo de transferir todo o nosso sistema de transmissão do velho sistema analógico para o novo formato digital. Isso vai ter, acredito, um impacto enorme na educação, se formos espertos e rápidos o suficiente para aproveitar esse momento. Combinando televisão, computadores e telefone, teremos acesso a informação, a especialistas, a aprendizagem colaborativa, a escolas virtuais, a aprendizagem em qualquer lugar e em qualquer hora, para dar aos professores ampla possibilidade de escolha para seu próprio desenvolvimento profissional, além de redução do custo e do tempo de aprendizagem. No entanto, também sabemos que há muitas barreiras e que temos de enfrentar o custo do equipamento novo, a própria tecnologia nova, desde coisas simples - como não ter tomadas elétricas suficientes - até barreiras estruturais - às vezes a maneira como as escolas se organizaram são verdadeiros obstáculos para uma nova tecnologia. No entanto, acreditamos estar superando essas barreiras, mediante os procedimentos federais e estaduais, como os citados por minha colega Linda Roberts, em palestra anterior: o envolvimento da comunidade e dos pais, o suporte de negócios e, é claro, a televisão pública.

PRODUÇÃO DA TV EDUCATIVA: QUEM TEM A ÚLTIMA PALAVRA, O PEDAGOGO OU O DIRETOR DE TV?

Robert Jammes

*Diretor-Geral Adjunto do Centro Nacional de
Documentação Pedagógica - CNDP / França*

Devo falar sobre a experiência francesa do CNDP e mostrar que os problemas e as dificuldades de um país ou de outro são mais ou menos as mesmas quando se trata de pensar o uso de novas tecnologias, sejam elas efetivamente novas ou nem tanto, como o audiovisual na educação. Em poucas palavras, o Centro Nacional de Documentação Pedagógica é uma estrutura bastante original, pública, que depende do Ministério da Educação Nacional da França e que está organizado em redes. Em cada região, em cada departamento - porque é assim que a França está organizada administrativamente -, existe um centro.

Na maioria das cidades francesas, esses centros estão a serviço dos professores, para fornecer a documentação que lhes seja indispensável, sobre qualquer suporte. O trabalho do CNDP, de sua rede, é o de oferecer aos professores os recursos pedagógicos, educativos, sejam eles escritos, audiovisuais, sonoros, em multimídia ou, hoje, na Internet. Em um país que considera, em matéria pedagógica, que nada acontece fora do âmbito da aula magistral, hoje é preciso abrir as escolas, os colégios e os liceus a todos os documentos que se produzem no vasto mundo. O nosso papel principal é o de facilitar o acesso a esses recursos, de botar ordem onde

houver desordem, pois a Internet não é uma videoteca. Na Internet, existem riquezas fabulosas em matéria de documentação utilizável pelos professores ou pelos alunos; porém, penso que temos de ensinar aos professores e aos alunos a usar esse recurso.

O CNDP não é somente um facilitador para o acesso dos professores aos recursos, é também um produtor tradicional de documentos impressos, de audiovisuais e de multimídia.

Vou explicar qual é a nossa metodologia de produção no CNDP. Primeiro, é preciso saber que o CNDP atua ao mesmo tempo como produtor e como difusor dessa produção. Porém, somos difusores apenas quando não se trata de difusão por antena, porque na França existe um canal, que já foi apresentado neste seminário, o canal La Cinqüiême, que é o canal do conhecimento. Mas não podemos dizer que o La Cinqüiême é um canal de TV educativa no sentido exato da palavra, ou seja, no sentido escolar; ele é um canal híbrido, que pode ter ao mesmo tempo documentos muito específicos, utilizáveis pelos professores nas suas aulas, como pode ter programas um pouco mais afastados do aspecto educativo, programas para um público mais amplo, programas de conhecimento, de descobertas, de cultura geral, que também têm o seu interesse. Isto se explica porque primeiro se considera que, para utilizar o audiovisual em sala de aula, pode-se, em certos casos, quando se trata de desenvolver uma educação com imagem, sensibilizar as crianças e os adolescentes para um conhecimento crítico da imagem, visando à formação de cidadãos.

Poderíamos dizer, primeiramente, que nos apoiamos nos documentos da televisão generalista, nas informações, nos documentários. O segundo aspecto é que, no sistema de difusão de audiovisual na França, já existiram canais públicos generalistas e canais privados também generalistas, mas nunca canais dedicados à educação, o que faz com que o CNDP, que é o principal produtor do canal La Cinqüiême, tenha horários reservados na programação, horários que são destinados para o uso das escolas, colégios e liceus.

Metodologia de produção

Como organizamos a produção de audiovisuais? Temos de produzir emissões e documentos audiovisuais ancorados nas orientações prioritárias do nosso Ministério, temos de nos apoiar nelas. Por isso criamos, há cerca de 10 anos, um Comitê Nacional de Edição, composto por representantes do nosso Ministério, por editores privados, por pessoas de televisão e por especialistas científicos. Nós nos reunimos três vezes por ano. Nessas reuniões, baseando-nos em um relatório bastante volumoso, preparado por nós, decidimos as grandes orientações que vamos dar à atividade de edição do CNDP.

Essa é a primeira fase da decisão de orientação da política do Conselho Nacional de Edição. A partir daí, o CNDP vai trabalhar, redigir e imprimir o que chamamos de *Caderno de obrigações*, isto é, uma publicação com as orientações que foram dadas, principalmente, pelos pedagogos e cientistas, assessorados por pessoas que conhecem e sabem o que é a imagem e o audiovisual, e que vão dizer o que vai ter de figurar na série de emissões de, por exemplo, Geografia.

A seguir, vem a fase de produção. Acho interessante ver que os responsáveis pelas séries de televisão formam as equipes com produtores que são professores ou antigos professores. Dessa forma, quanto à questão do "Quem comanda?", "No final, quem decide?", sabemos agora que quem decide, no final, é o produtor, que é de origem científica, ou um pedagogo, que tem exigências de conteúdo, principalmente, e que tenta transmitir conteúdo; e também é o realizador, o homem da arte, de quem esperamos um excelente documento, um excelente filme de televisão, porque está aí a aposta mais difícil desta TV educativa: sendo televisão, tem de ser algo de qualidade, tem de ter todos os ingredientes da televisão a que as crianças assistem todos os dias.

Utilizamos todo tipo de audiovisual, desde desenhos animados, documentários, ficção. Não temos de ser totalmente diferentes do produto que a criança está acostumada a assistir na televisão generalista; existe esta exigência de criação, mas ao

mesmo tempo há uma exigência de conteúdo muito forte e não posso dizer que tudo sai sempre bem. Isso acontece com dor, é uma acomodação dolorosa, porque é evidente que cada um tenta fazer valer as suas prerrogativas. No entanto, além disso, e para concluir a explanação sobre o nosso método de produção, quando o documento é realizado e difundido, nossa forma de difusão, claro, é o canal La Cinquième. Existe também a difusão por vídeo, sempre com documentos anexos; aliás, esta é uma norma absoluta: sempre colocamos documentos impressos dentro dos vídeos e, depois, naturalmente, vamos alimentar o banco de programas e de serviços.

Esse banco de programas e de serviços é um sistema de vídeos por encomenda. São vídeos encomendados e não ondas hertzianas que o professor recebe a uma hora determinada e que, naturalmente, pode gravar. É um sistema que não está pronto ainda, mas que permitirá ao professor escolher, com determinados critérios, um programa, o qual ele pede para ser telecarregado por satélite.

Para terminar, gostaria de firmar a minha grande convicção de que, quando falamos de TV educativa, temos de dizer primeiro do que estamos falando, seriamente. Há um obstáculo a se vencer para que as tecnologias de informação a serviço da educação penetrem de verdade nos estabelecimentos escolares, além do equipamento: a formação dos professores, problema que também existe na França. Percebemos, hoje, que a primeira coisa a fazer é facilitar o uso desses recursos para os professores, mostrando-lhes como lidar com esse material moderno e auxiliá-los, também, como mencionei anteriormente, fornecendo conteúdos adaptados ao que têm de fazer.

A EXPERIÊNCIA EDUCATIVA DO CHANNEL 4

Davina Lloyd

Diretora-Executiva do Channel 4 /Inglaterra

Apesar de a televisão educacional, na Inglaterra, ter mais de 40 anos - uma senhora bastante idosa -, o Channel 4 é somente um bebê. Ofereço uma breve história dessa jornada, pois acredito que ela é copiada em todo lugar. No mundo da televisão, a educação era vista como o primo pobre, a Cinderela, com menos recursos, talvez por sua audiência ser relativamente menor. E sua contribuição veio sendo sempre marginalizada. De repente, chegou um novo governo, colocando a aprendizagem num lugar privilegiado em sua agenda; o primeiro-ministro Tony Blair declarou que as prioridades de seu governo eram: educação, educação, educação. E a Cinderela foi convidada para a festa.

No mundo da educação do Reino Unido, a televisão sempre foi usada, mas nem sempre bem usada. Alguns a consideravam como algo para se assistir em quartas-feiras chuvosas, algo vagamente instrutivo; ou como uma recompensa depois do trabalho duro da verdadeira aprendizagem com o livro e com o professor. Mas aqueles de nós que trabalham para fazer os programas e as fontes que os suportam sabemos com certeza da potência da televisão para estimular e motivar, para passar e ampliar a aprendizagem. E, à medida que a mensagem foi espalhada e endossada por governos e educadores iluminados, nós crescemos em nossos serviços e em nossas fontes para atender essa demanda. Ofereço essa pequena história do Channel 4, para que se possa ver

o meteórico crescimento desse meio, e que não estamos passando por mudanças graduais, mas por megamudanças.

Começamos produzindo os programas. Hoje, são 400 horas de programação por ano, que cobrem todas as áreas do currículo, para qualquer idade. Queríamos dizer aos professores o que tínhamos; isso nos pareceu ser a primeira função. Estivemos falando, neste seminário, da educação de professores, mas primeiramente para informá-los sobre o que havia. Produzimos um folheto todo ano, no qual destacamos as partes do currículo que vão ser cobertas por determinados programas, quando vão ser transmitidos e quando poderão ser gravados.

Assim, decidimos que deveríamos providenciar materiais impressos como suporte aos programas. E nosso time de oficiais da educação estava convencido de que um simples guia do professor era a resposta, que isso era suficiente. Nesses guias, há uma certa quantidade de páginas para cada programa, em cada série. Dizemos aos professores, antes de eles começarem a aula, o que vai estar no programa, qual é o roteiro, quais são os resultados educacionais, o que mais deveriam fazer antes com os seus alunos, o que fazer durante e as atividades para depois do programa, inclusive com sugestões para interdisciplinaridade. E isso foi o que achamos ser necessário aos programas. Mas a demanda cresceu. Professores queriam algo mais, eles queriam livros de atividades, algo que utilizasse a tecnologia da época, as fotocópias; então, tivemos de produzir folhas de exercícios para fotocópia que estivessem nos livros de atividades. Essas folhas foram bastante populares e faziam parte do conjunto que oferecíamos.

E para as crianças? Alguma coisa para lembrar as crianças sobre os livros reais e encorajá-las a ter confiança para ler? Fizemos, então, livros do aluno. Já tínhamos feito programas de televisão a partir de livros reais, com dramatização e animação, mas decidimos fazer um círculo completo: fizemos livros a partir da televisão real, produzindo gráficos e explorando os recursos visuais, de modo a trazer as crianças de volta da tela para o texto

no papel. Daí surgiram pôsteres, livrinhos, livros de pintura, fitas de vídeo, fitas-cassete e, inevitavelmente, CD-ROMs.

O conteúdo básico do que queríamos que as crianças soubessem não mudou muito, mas os métodos de transmiti-lo estão sempre ganhando algum recurso a mais. Seja porque os professores, aqueles guardiães do saber, estão pedindo mais ajuda, seja porque as crianças estão famintas e exigindo mais fontes, num mundo que lhes oferece tanta excitação e estímulo - mediante televisão comercial e propagandas, filmes, jogos de computador. Mas a demanda continua a crescer e o núcleo de aprendizagem do Channel 4 tem hoje 1,5 mil itens que dão suporte aos programas de escola. E esse catálogo continua crescendo. Para nós, o Channel 4 é uma companhia que continua se expandindo, não só entregando mais programas e materiais de aprendizagem a mais escolas no Reino Unido como também, a partir de abril de 1997, tornando-se internacional, com direito a oferecer produtos por todo o mundo. Descobrimos que, apesar de haver questões de língua e localização, que tinham de ser focalizadas, e apesar da série ser feita para atender ao currículo nacional da Inglaterra, admiravelmente, e também obviamente, parece estar surgindo um currículo global, que todo o mundo quer que todas as crianças saibam, um centro de entendimento e sabedoria sobre o mundo e sobre como ele funciona.

Interatividade na TV educativa

Em 1995, éramos uma TV educativa com muito material e somente dois anos de idade. Fui, então, a uma conferência, em Londres, e vi a Internet pela primeira vez. É claro que fiquei maravilhada, porque pude ver o que ela podia oferecer. Então, uma mudança muito veloz começou novamente. Construímos um *site* na Internet.

O que procuramos oferecer é um pouco de interatividade, para que professores possam visitar o *site* e descobrir que temos tipos diferentes de CD-ROMs, produzidos por nós, com a oportunidade de experimentar uma amostra.

Há uma preocupação na Inglaterra sobre a queda de padrões na escola e há algumas crianças que ainda não estão adquirindo as habilidades básicas que a sociedade exige que elas tenham. E muitos professores que temem ou que não estão familiarizados com as novas tecnologias preocupam-se com o fato de que as crianças estarão expostas a informações perigosas se forem expostas à Internet. Pergunto-me no entanto se esse medo de que as crianças encontrem pornografia, na verdade, não está encobrindo um medo de que os alunos encontrem mais do que os professores sabem. Talvez isso nos faça pensar que o nosso velho modelo estabelecido do papel do professor, passando aos alunos somente o que ele sabe, está ultrapassado.

Talvez a distância e a alienação que algumas crianças sentem na sua experiência escolar se devam à maneira com que ensinamos e a um currículo limitador. A tecnologia habilita uma aprendizagem aberta: "Vá e descubra sozinho." Algumas de nossas maneiras antigas de ensinar só nos permitem uma aprendizagem fechada: "Hoje vamos aprender sobre os romanos, por isso não me pergunte sobre os gregos, não está no currículo." Porém, os melhores professores estão aprendendo a usar as novas tecnologias. E, à medida que visito escolas, no Reino Unido e por todo o mundo, vejo a mágica da tecnologia funcionando. Parte da nossa responsabilidade é habilitar professores a ganhar essa habilidade e essa confiança. Como "donos" do saber, professores costumavam dizer: "Você deve aprender o que sei; a sabedoria passa por mim." Talvez, agora, o papel do professor, e de todos nós que providenciamos o conhecimento, seja o de ficar de pé e segurar o portão para que ele fique aberto.

OBSERVANDO O FUTURO: O PAPEL DA TELEVISÃO NA EDUCAÇÃO DE MASSA

Anne Stevens

*Diretora do Centro de Línguas Modernas
da Open University / Inglaterra*

Trabalho na Open University e temos um acordo que já dura muito tempo, em colaboração com a BBC: um centro de produção da BBC, no *campus*, há mais de 27 anos. Agora, produzimos televisão educacional e também transmissões em geral.

Com o objetivo de continuar aberta, nossa universidade é organizada para estudantes que estudam por meio-período, em suas casas, aprendendo porque querem aprender. Para nós, a televisão sempre teve um papel muito importante ao passar o ensinamento aos estudantes. Desde o começo, a televisão sempre foi vista como umas das peças-chave do mecanismo de ensino e da motivação para esses aprendizes em quem confiamos tanto.

Todos nós, quando esquematizamos um curso ou levamos adiante uma proposta da Universidade, temos de justificar suas vantagens acadêmicas. Quando os nossos cursos são construídos e apresentados aos estudantes, eles acabam tendo muito mais do que os efeitos esperados, isto é, mais do que podemos aprender juntos, nós e os nossos estudantes, e parte do conhecimento vem deles também.

Dessa forma, primeiramente perguntamos: para quem os nossos programas são desenvolvidos? Nós produzimos mais de oitocentas horas de programas a cada ano, sendo que mais da metade são testados por nossos estudantes nesse contexto. Os

materiais são usados de três formas: primeiro, para oferecer um material essencial, de um determinado curso, para os nossos estudantes; segundo, para oferecer fontes auxiliares de pesquisa para os estudantes, pois são produzidos como elementos não essenciais para o curso e para o aluno que não tem acesso a outras fontes, tais como bibliotecas, livros em casa, ou que, por fim, não tem como captar o conhecimento de outra forma; terceiro, para usarmos nossos programas, até mesmo entre os nossos estudantes, promovendo um interesse particular, fazendo-os dividir os seus conhecimentos com os outros, incitando neles o interesse por outras áreas, outras disciplinas.

Dizem que a televisão, quando usada em uma instituição educacional, parece não apresentar o controle que um professor tem quando dá aula. Nós apoiamos os nossos estudantes para que se tornem alunos interessados, para se tornarem o reflexo do ensino, para que possam entender o processo pelo qual estão passando e usar o programa de televisão em seu benefício.

Como estudar em educação a distância

Outra enorme dificuldade para o estudante é trabalhar sozinho em sua casa, ou mesmo em pequenos grupos de estudo coordenados por um professor. Então, o que fazemos? Bem, tentamos oferecer apoio através de outras mídias, preparando os estudantes com muito cuidado para que possam tirar o maior proveito possível da televisão.

Sendo assim, quais seriam os valores apresentados na televisão e que deveríamos adicionar aos nossos cursos? Esta é a mais barata e eficiente mídia que temos para expor o material? Aquele material poderia ser exposto de melhor maneira, mais eficientemente, em outro tipo de mídia?

Estamos explorando todo o poderoso efeito de simulação que podemos aproveitar da televisão. Temos de nos lembrar, também, da capacidade de organização que um estudante deve ter. Quando assistimos à televisão, assimilamos uma certa quan-

tidade de conhecimento transmitido; contudo, embora nós, como professores, saibamos quais são as partes principais para o estudante, como passar essa espécie de organização clara para ele? Ou será que sequer fazemos clara a aplicação de todo o seu conhecimento? Ou quem sabe nos importamos demais com o visual da informação, pois este, às vezes, é tão grande que o conhecimento se perde no chamado impacto visual?

E quais são as habilidades cognitivas importantes a um estudante? Se a televisão tem de ser usada para um grande benefício dentro do curso, isto pesa enormemente para o estudante. Temos de considerar a diferença entre uma transmissão ao vivo e vídeos já gravados, nos quais os estudantes podem voltar a fita e repetir o que não entenderam até que aquele problema seja solucionado.

O estudante necessita desenvolver os seus conhecimentos e aprender o máximo com o programa, por isso não devemos fazer o programa mais difícil logo no início do seu curso. Devemos fazer de forma que, gradualmente, o programa permita e ajude os alunos a desenvolverem seus conhecimentos. Neste contexto, eles têm de ter tempo para estudar e aprender. O tempo se tornará tão importante quanto o tipo de procedimento a ser usado. Se perdermos o controle da televisão, a seqüência e a integração do curso e de seu material se tornará bastante complexa e, de fato, através da integração e da colocação do material do curso, asseguraremos aos nossos estudantes de línguas como usar aquele vídeo e aquela televisão conjuntamente.

Portanto, o que a educação pela televisão faz de melhor? Obviamente, ela permite uma nova metodologia em programas de educação, promove acesso para novos estudantes em potencial, e isso é claramente visto com as nossas crianças hoje; gradualmente isso é transferido para os seus pais, sua família e, depois, para suas comunidades inteiras. A televisão também estimula e mantém o interesse pelo estudo entre os nossos alunos, e é muito difícil manter um nível de aprendizagem quando você está sozinho e continuar motivado. A televisão também traz o estudante para dentro do

curso, criando explicações em formas criativas e imaginativas, formas estas que não são possíveis por meio da impressão ou do áudio. Ela também reflete um sentido de se pertencer a um grupo ou um sentido de identidade para os estudantes estudarem, e isso é extremamente importante.

Gostaria de concluir com uma colocação sobre o impacto contínuo dessas mudanças. Todos esses pontos tentam implementar uma alta qualidade do material que é apresentado em vídeos. Estamos no começo de nossa história, por isso nos é permitido reverter e usar novamente todas as fontes de material que temos; e temos realmente uma enorme biblioteca, que possui vários tipos de material, catalogados desde a sua construção. Mas é uma mídia muito cara para se produzir. Com a TV Escola, vemos que a divisão de tarefas ajuda a construir uma educação com qualidade, o que me parece ser uma tendência do futuro.

Acho que a experiência de colaboração que estamos desenvolvendo, entre os difusores acadêmicos e a televisão educacional, oferece um plano de entendimento único ao público para produzir programas com uma estrutura acadêmica. Ainda temos muito o que aprender, mas, construindo a base de nosso conhecimento e dividindo as nossas experiências, podemos construir um novo futuro, criar um novo processo, criar um maior acesso e, enfim, desenvolver o sistema de educação televisiva, além de oferecer, também, o que há de melhor no tocante ao ensino-aprendizagem para o maior número de pessoas.

LA CINQUIÈME, UMA TV DE EDUCAÇÃO POPULAR. ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DOS CONTEÚDOS DAS TVS EDUCATIVAS DE TODO O MUNDO

Didier Lecat

*Diretor do canal La Cinquième e Secretário-Geral da
Aited - Associação Internacional de Televisão,
Educação e Descobertas / Canadá - França*

Sou apenas um jornalista entre universitários e gostaria de chamar a atenção para o papel educativo, de uma maneira geral, de um canal de descobertas e de conhecimentos, de gênero complementar ao da TV Escola, o qual está em vias de desenvolvimento. Tanto aqui como no Canadá ou na França, existem ótimos projetos pedagógicos especificamente ligados ao ensino enquanto educação como um todo. Paralelamente, existem lugares relativamente ocupados por novos canais de televisão com objetivos e conteúdos, canais educativos e culturais, ligados especificamente às necessidades de conhecimento e de descobertas da maioria dos telespectadores. É esse o projeto do canal La Cinquième, que comporta grande número de programas de formação, para os jovens em particular, no sentido de suprir a formação de base.

Há, em todos os lugares, a necessidade de conhecimento e de acesso ao saber, os quais são transmitidos pela TV educativa de descobertas, de qualidade única, para os que não têm acesso à informação, bem como para os que já têm uma certa formação. É

também uma forma simples de TV educativa a distância. Aposta-se na cidadania e na liberdade, assim como na qualidade diante da nova televisão, que também está em pleno desenvolvimento, freqüentemente demagógico, vulgar e violento. Os canais públicos têm responsabilidade de propor programas diferentes, rigorosos, com alto nível de exigência. Tentamos redefinir completamente os nossos procedimentos, ao criar, em 1994, o La Cinqüième, canal educativo francês, com o apoio do parlamento e do governo francês, desenvolvido por uma pequena equipe, mas com meios relativamente importantes.

Assim, como criar um canal público para um grande público? Gostaria de ilustrar nossos procedimentos através de duas idéias que foram fundadoras desse canal. Primeiramente, o conceito de sociedade, resumido pela definição de Jean Marie Vadal, o primeiro diretor do canal La Cinqüième, que conhece muito bem o Brasil e é presidente da Associação Internacional de Televisão, Educação e Descobertas - Aited: "O desejo de aprender e o prazer de entender." Esta definição foi repetida durante muito tempo até que, enfim, entendemos o seu significado. Esse "desejo de aprender e o prazer de entender" passou a ser a pedra fundadora da linha editorial do La Cinqüième. Essa fórmula jornalística não só definiu nossa linha de trabalho como também traçou a construção do nosso primeiro quadro de trabalho. Pensamos bem em como uma emissora de televisão geral podia, através de uma linguagem simples e de uma forma particular, despertar o desejo de conhecimento e, ao mesmo tempo, os meios de assistir a um canal sem público, que não visaria lucro.

Enfim, ao utilizar uma linguagem o mais simples possível, para atingir o máximo de público possível e para estar em ruptura com a concepção intelectual e elitista de uma emissora de conhecimento e de saber, criamos um canal popular. Foi uma aposta na qual não nos enganamos. O canal La Cinqüième teve não só um sucesso de estilo como também um sucesso real e popular, delineando-se de uma forma significativa e com boa audiência entre as emissoras francesas. Graças aos seus produtores e aos canais

Channel 4 e TV Ontário, a que assistimos muito e que muito nos ensinaram, não produzimos os nossos programas. Somos só editores e divulgadores dos programas, enquanto encomendamos a produção ao Centro Nacional de Documentação Pedagógica - CNDP. Agindo dessa maneira, melhoramos a qualidade e diminuímos o custo dos programas.

A educação como prioridade

Êste canal articula-se em torno de dois pontos: o saber e o conhecimento. E de três patamares: a educação, para a qual o CNDP é um grande fornecedor de programas; o segmento conhecimento/descoberta, através de programas comprados, mas também de produção própria; e o segmento proximidade/serviço, voltado mais para o trabalho, o emprego, as ciências e a economia, pois o La Cinqüème deve também contribuir com a redução da desigualdade social, o que na França diz respeito a milhões de cidadãos, provocada pela marginalidade, pelo desemprego ou pela falta de uma educação de boa qualidade por vários motivos, ou, ainda pelo nível de formação cada vez mais elevado que vem sendo exigido no trabalho. Como consequência, o canal La Cinqüème serve, também, no curso do seu funcionamento, como difusor dedicado à formação permanente de reciclagem dos funcionários administrativos, útil ao emprego e às empresas.

Não sou especialista de ensino, mas noto que a televisão e o seu desenvolvimento devem ser utilizados livremente pelos professores, em função de seu próprio trabalho pedagógico. Nem todos os recursos de vídeo são de boa qualidade. Como podemos conceber a idéia de ensino, nestas disciplinas, com os recursos audiovisuais?

Os recursos audiovisuais não são uma panacéia. Acredito que seria necessário desenvolver um projeto, primeiramente com as crianças, no qual se saiba onde queremos chegar e em que pode ser útil a utilização do recurso audiovisual. Tudo isso deve ser planejado antes mesmo de se introduzir tal recurso.

O último ponto que irei abordar trata de focalizar a formação dos educadores com relação à televisão e à tecnologia. O papel dos professores é fundamental no sistema de educação. Os educadores são os que, através da prática cotidiana de seus contatos diretos com os alunos, podem ou não colocar em prática o que foi previsto por outrem, sendo que podem obter êxito ou não. Sabemos que o modelo inverso existe da mesma forma, e sabemos também que determinados professores começam a experimentar, a inovar pedagogicamente, e suas inovações são fundamentais. A grande dificuldade, que já foi abordada anteriormente, é a de passar da inovação à generalização, de como proporcionar que a prática de alguns possa ser transmitida ao máximo de professores possível, de como tornar essa prática um modelo pedagógico.

Educação é nossa meta prioritária. Com a série de programas inscritos no registro educativo cotidiano, o La Cinquième apoia a aprendizagem escolar. Nunca é tarde para aprender. Educação, no La Cinquième, é também uma série de emissões destinada a todo tipo de público. Mergulhamos nas memórias de nossa infância, pois nossa juventude merecia programas inteligentes. No La Cinquième, todo dia é dia de encontro cheio de verdade. Documentário, ficção, desenho animado, revista, qualquer que seja o programa, a idéia é se distrair com inteligência.

A cada dia aprendemos um pouco mais sobre quem nos acompanha. Essas pessoas podem contar com redes de serviços e de proximidade. O La Cinquième escuta as preocupações cotidianas de seus telespectadores: justiça, cidadania, família, saúde. O La Cinquième propõe a cada dia um repertório de programas variados destinado a melhorar o cotidiano do seu filho.

O La Cinquième atingiu seu objetivo, cumpriu sua missão. E agora, qual será nosso próximo desafio?

SUPERANDO OBSTÁCULOS NA INTRODUÇÃO DE TECNOLOGIA DE TV NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Gilles Seguin

*Diretor Nacional de Desenvolvimento
de Mercados da ACC - Associação da
Comunidade Canadense / Canadá*

Bom-dia. Bonjour. Hello.

Comecei saudando-os em línguas diferentes, porque uma das grandes questões sobre a educação televisiva é que ela ultrapassa simples fronteiras geográficas. A idéia da facilidade que um estudante tem de penetrar em novos universos vem junto com a de que há bons professores e a tecnologia certa para desenvolver uma ligação perfeita entre o ensino, o conhecimento e a aprendizagem.

A associação entre escolas comunitárias e a Associação da Comunidade Canadense fundamentou-se, basicamente, no desenvolvimento de um método no qual o estudante pudesse ter seu meio de estudo e aprendizagem. Pelas mais de 175 faculdades espalhadas pelo Canadá, algumas delas tendo a língua inglesa como língua-mãe, certos projetos de aprendizagem estão dando certo. Num trabalho feito por todo o Canadá, concentramo-nos em Advocacia e desenvolvemos métodos que lidem com esse ambiente, nos quais pesquisamos sobre tecnologia aplicada a essa área.

Nosso objetivo é exatamente o de participar de encontros como estes, nos quais possamos dividir nossos conhecimentos e

procurar sempre por novos métodos, mostrando as nossas descobertas, ajudando as nossas universidades a chegarem mais perto dos seus alunos, procurando, nacional e internacionalmente, uma espécie de parceria.

A educação, diferentemente do que deveria acontecer, parece estar estagnada em metodologias obsoletas. Apesar de pertencer a uma sociedade em constante mudança, a educação parece não ter mudado. Podemos ver que a nossa sociedade, desde algum tempo atrás, está inserida num ambiente profundamente industrial. Construímos máquinas com certa tecnologia para fragmentar nossos afazeres. Entramos numa área da sociedade informatizada, na qual lidamos com dados, com máquinas, tais como computadores e calculadoras, e vimos, então, o nascimento da televisão. Creio que vivemos numa época ou numa fase de procura pelo conhecimento, na qual, mesmo rodeados por todo tipo de tecnologia, importamo-nos em saber. Estamos preocupados com o conhecimento e com o desenvolvimento social e econômico, pois eles estão sempre inter-relacionados e não podemos negar o seu impacto. Os estudantes estão mudando porque têm em mãos meios que não tivemos.

Como no Brasil, temos no Canadá uma distribuição populacional espalhada por todo o território, e a tecnologia tem nos ajudado a alcançar essas comunidades afastadas dos centros urbanos. Na verdade, temos criado a oportunidade dos professores ensinarem e dos estudantes aprenderem de um modo diferente. Não conseguimos lidar com algum tipo de tecnologia sem entrar no mérito da aprendizagem. Tudo o que fazemos, ligado à alta tecnologia, seja ela um computador, um elemento de áudio ou a televisão, provoca um impacto na aprendizagem.

Temos de aprender a ensinar aos mais diferentes tipos de aprendizes, a nos adaptar às suas diferenças e criar meios que supram as suas necessidades, facilitando o caminho da aprendizagem. O que nos falta é mais pesquisa em termos de estilos de aprendizagens. Qual seria o impacto de tal e tal método? Por exemplo, ligar o rádio e a notícia chegar até nós; ou estar navegando na

Internet e conseguir encontrar coisas que nunca vimos antes. O quanto este tipo de informação instantânea é mais valiosa que estilos convencionais de aprendizagem? Por isso, não podemos enfocar simplesmente o professor num processo de treinamento, no qual ele aprenderá novos métodos. Temos de unir os dois lados e trabalhá-los juntos, identificando as características de ambos.

Repensando o processo de aprendizagem

Temos de repensar como desenvolvemos o currículo básico, como o preparamos, isto é, que suporte damos ao estudante no tocante às novas técnicas para que ele se adapte a seu processo de aprendizagem. O objetivo é não mais protelar uma resolução para o problema de uma aprendizagem mais dinâmica, ligada à tecnologia.

A comunidade, a família, os amigos, o professor, são todos elementos essenciais para o processo de aprendizagem. Encontrando os valores de cada nova descoberta, conseguimos suprir as falhas que vemos atualmente na aprendizagem.

No Canadá, estamos monitorando programas institucionais para a implementação de tecnologia nas comunidades. Vários programas estão sendo feitos com o objetivo de aproximar o estudante de sua realidade, tal como equipar os colégios com computadores, nos quais os alunos trabalham e pesquisam dentro da sala de aula. Conectamos as comunidades com a utilização de tecnologia de computadores e mídias, em geral através de programas urbanos de acesso. Estamos trabalhando duro para criar programas que satisfaçam a todos os tipos de consumidores de língua francesa ou inglesa, nos quais todos são chamados a colaborar, dando o melhor de si para o desenvolvimento dessa área.

A comunidade em fase de aprendizagem é um projeto educacional. E esse projeto baseia-se em três características que, com o passar dos anos, têm demonstrado a sua efetividade em termos de produtividade e desempenho: na sua propriedade, pois

está nas mãos dos professores, das comunidades e dos alunos; no treinamento, como o que visa a utilização de tecnologia; na pesquisa e em seu desenvolvimento, ou seja, a tendência a se usar a tecnologia como forma de diferenciar a aprendizagem, entendendo por que isso está fazendo diferença.

Estou com a base de um projeto que se chamará *Diga ao seu aluno*. O projeto é vinculado às idéias dadas anteriormente, tais como: o sentido de propriedade, a qualidade de treinamento, o processo de entendimento entre o aprendiz e o método que está sendo ou será usado, assim como a participação ativa da comunidade nas decisões escolares. Ligações filosóficas e características comunitárias nos permitem um novo olhar sobre o que é aprender, isto é, todos numa comunidade agiriam juntos numa nova filosofia educacional. Seria mais informativo porque seria uma atitude de um grupo com tendências ao individual. Um acesso mais constante e direto entre o que procura o conhecimento e o meio em que esse conhecimento é obtido seria feito sem testes, sem vácuos de igualdade entre o aprendiz e o seu professor.

TELEVISÃO EDUCATIVA E NECESSIDADE DE CAPACITAÇÃO DOCENTE NO CHILE

Felipe Jara Schnettler

*Professor da Área de Capacitação e
Projetos da Rede Enlaces
Ministério da Educação / Chile*

Venho da Rede Enlaces, de Santiago do Chile, do Ministério da Educação, onde trabalhamos, fundamentalmente, com informática educativa. No entanto, parece-me mais adequado para este seminário falar de TV educativa, porque é um tema com o qual também nos relacionamos, por pertencer, junto com a informática e outros meios, a este grande conceito de educação a distância. Por isso, gostaria de lhes contar o que estamos fazendo em TV educativa, especificamente para o treinamento docente, no Chile.

Atualmente, existem diversas tecnologias e meios que permitem a representação, a transmissão e o processamento da informação e as comunicações em alcances e disponibilidades que nunca antes tinham sido vistas. Essa nova realidade, forjada pelas novas tecnologias no campo das telecomunicações e da informática, está tornando o nosso mundo cada vez menor. O novo palco tecnológico modifica-se rapidamente por causa da constante evolução da potencialidade, dos custos e do tamanho dos aparelhos que se produzem dia a dia. E ainda: as diferentes tecnologias confluem, estão interligadas e se unificam.

O resultado é que a cada dia dispomos de novas ferramentas para a indústria, para o comércio, para a educação, para a ciência

cia, todas elas cada vez mais acessíveis e poderosas. As novas tecnologias estão abrindo, permanentemente, novas possibilidades e novos horizontes. Do seu lado, aos poucos, os sistemas educativos têm incorporado as tecnologias emergentes e explorado a contribuição que pode se obter com a sua utilização. Em geral, embora lentamente, a incorporação de novas tecnologias acarreta novas formas pedagógicas e novos poderes, ampliando o alcance, a cobertura e a qualidade dos sistemas educativos.

No Chile, desde 1992 até hoje, instalou-se, aos poucos, nas nossas escolas, a rede de informática educativa Enlaces, que até o final deste ano (1998) prevê o ingresso de cerca de 3 mil escolas a uma importante rede de apoio aos processos pedagógicos e de gestão dos estabelecimentos, através de recursos informáticos.

A TV educativa no Chile

Bem, o que acontece no Chile com a TV educativa? Uma das maiores e mais profundas mudanças que estão se implementando dentro da reforma educativa é a referente aos novos marcos curriculares do ensino básico e médio, decretados pelo governo nos anos 1996/98. A mudança não é só de forma, mas também de conteúdo. As teorias de aprendizagem, nas quais estão baseadas a nova grade curricular, têm como centro a experiência e o conhecimento prévios dos alunos, além dos contextos significativos em que todo novo conceito e habilidade são introduzidos. Essa iniciativa é essencial ao processo de reforma educativa do Chile. Ela representa um de nossos maiores desafios, desde a perspectiva da capacitação docente até as profundas mudanças, o que significa não somente mostrar o que ensinar aos nossos professores mas também como fazê-lo.

Desde o ano passado, o processo de capacitação docente para o ensino básico está sendo implementado, através de duas modalidades complementares que visam a atingir a totalidade de cerca de 60 mil professores básicos. De uma parte, a metodologia de capacitação presencial está a cargo de diferentes universidades

chilenas, com jornadas, seminários e palestras em nível regional e provincial. De outra parte, essa metodologia de capacitação a distância conta, principalmente, com o apoio da televisão.

A atual capacitação a distância apresenta dois cursos independentes entre si que cuidam da atualização do docente nos primeiros anos de ensino básico, abarcando um total de 20 mil professores. O curso compreende 120 horas e é desenvolvido durante 14 semanas. Os meios através dos quais são entregues os conteúdos dos cursos são, principalmente, material impresso - textos, cronogramas e guias - e programas de TV, de aproximadamente 30 minutos de duração, aos quais cabe a missão específica de favorecer a motivação, a contextualização e a reflexão sobre os conteúdos do curso, estabelecendo ligações com a realidade da sala de aula e o sistema educativo.

Para poder oferecer apoio adicional aos professores, nesta capacitação a distância, a Direção de Educação a Distância da Universidade Católica do Chile - Teleduc - tem formado uma estrutura descentralizada ao longo do Chile, com instrutores plenamente capacitados, tendo acesso a eles via fax, correio tradicional e correio eletrônico (*e-mail*).

Ao finalizar o curso, com as provas e avaliações já feitas, o aluno obterá o seu certificado de aperfeiçoamento e um diploma, outorgado pela Universidade Católica do Chile.

Gostaria de lhes apontar alguns dos fatores que demonstram a importância do uso da TV no contexto educativo:

- Por suas características - A TV é capaz de entregar material de aprendizagem a um grande número de pessoas.
- Linguagem acessível - O grau de complexidade do código televisivo é baixo.
- Capacidade para apresentar idéias - Pode-se gerar idéias audiovisuais apropriadas, vinculadas com conceitos abstratos.
- Secretaria de Educação a Distância
Secretaria de Educação a Distância Um alto consumo - Grande centralização no consumo do tempo dos indivíduos, especialmente das crianças.

- Flexibilidade - O uso de programas pré-gravados faz com que a TV e o vídeo sejam um método muito flexível para uso na sala de aula.
- Combinação de representações simbólicas - A TV é um meio no qual podem ser combinados, com fins educativos, as mais poderosas formas de representações simbólicas existentes.
- Sociabilidade - A TV não isola o indivíduo da necessária interação social no processo de aprendizagem. Como não pede atenção total e permite sua visualização junto com outras pessoas, a TV possibilita atividades simultâneas e relações humanas.
- Experimentar recursos difíceis de se conseguir - Através da TV podemos ter acesso a experimentos científicos, a estudos de casos sobre fenômenos ou eventos sociais, demonstrar processos, mostrar lugares desconhecidos etc.
- Credibilidade - A TV funciona com imagens visuais que parecem ser abertas, transparentes e autênticas, as quais provocam nos indivíduos o que já se chamou de "consciência de ter estado ali".
- Diminuição das diferenças - A TV permite uma maior familiaridade com lugares distantes, com tipos, valores e estilos de vida diferentes.
- Ampliação do mundo - Pela TV, deixamos as limitações impostas pelas coerções espaciais e temporais das relações de presencialidade.

Essas são algumas das características que fazem da TV um recurso muito proveitoso para ser utilizado nos contextos educacionais, como estes de que tratam o presente seminário.

TRANSMISSÃO INTERATIVA

Janet Louise Donio

*Chefe de Criação do Grupo de Soluções
de Aprendizagem - TV Ontário / Canadá*

Na TV Ontário, temos produzido material de programa instrutivo por mais de 27 anos. Recentemente, o governo solicitou-nos que criássemos um centro de tecnologias avançadas, como um programa educacional. Para desenvolvê-lo, é preciso pensar o futuro. Mas o que o futuro nos traz?

Todos dizem que não sabem. Mas creio que podemos captar o futuro. Venham comigo nessa jornada. Captem comigo o que o futuro nos oferece. Eu posso ver o futuro através dos olhos de uma criança de oito anos, sentada na frente de uma tela de televisão, apreciando as maravilhas do mundo. Também o vejo quando essa criança está sentada à frente de um computador, ouvindo música e, ao mesmo tempo, folheando uma revista. O futuro pode ser fazer muitas coisas ao mesmo tempo, e os estudantes devem estar preparados para esse futuro. Posso sentir o cheiro do futuro... De um lado da rua, sente-se um cheiro delicioso de comida. Já do outro lado da rua, há a pobreza, são aqueles que mexem no lixo à procura de comida.

É um futuro de duas vias: a informação rica e a informação pobre. Para nós, educadores, o desafio é superar essas ansiedades e trazer todas as informações possíveis com inventividade e criatividade para a vida dos nossos estudantes. E o que fazemos a respeito desse futuro de duas vias? Tentamos manter a nossa cultura, tentamos reter o que é bom para nós e, ao mesmo tempo, contribuir e beneficiar a sociedade global.

Terá esse estudante as oportunidades que ele merece? Para nós, educadores, esse é o nosso futuro. O mais importante é que, como professores, somos instruídos pelo que sabemos, pelos nossos conhecimentos. Sabemos como utilizar essa tecnologia. Isso vem facilmente. É a chamada globalização da aprendizagem.

Esse tem sido o mais difícil desafio para nós, porque a TV Ontário é conhecida pelo que faz de melhor. Produzimos vídeos educativos, temos canais com programas educacionais e, ao mesmo tempo, temos de começar a explorar um novo terreno. Recentemente, atendendo nossos professores, descobrimos que, embora a qualidade de nossos vídeos seja muito boa, eles demonstraram algumas preocupações, dentre as quais a duração do vídeo, a insuficiente flexibilidade e a falta de rapidez para atender as necessidades da aprendizagem.

Agora vou contar aonde planejam ir. Estamos focalizando a pré-escola, a pós-escola e a educação adulta. Para a pré-escola, acreditamos que a nossa estação de televisão seja a responsável pela transmissão de conhecimentos para 99% da população, com a finalidade de ajudar os alunos a se sentirem mais positivos sobre eles próprios e suas habilidades, ajudando-os a entender os números e as letras. Dessa forma, eles estarão prontos para entrar na escola e se empenharem em atividades que os transformem em bons aprendizes, junto com aqueles que possuem a mesma idade. Entramos no espaço da pré-escola trabalhando, também, com os pais, que podem não ter os instrumentos necessários para fazer com que seus filhos se tornem bons aprendizes. Compramos muitos dos nossos equipamentos de empresas como a BBS, BBC, Channel 4 e de muitas pessoas que estão presentes neste seminário.

Sinto-me orgulhosa por dizer que, em relação ao programa da pós-escola, das quatro horas até as sete, temos a maior audiência em relação a qualquer outro canal em Ontário, pois estamos competindo com todos eles, comprando programas sem violência, educacionais. Atuamos com dois alunos um pouco mais velhos em relação à turma. Esses dois alunos tornaram-se

modelos de um bom aprendizado. Eles mostram como a escola pode ser boa. E, na verdade, eles continuam ajudando os alunos com suas tarefas de casa e desenvolvendo atividades que fazem com que os alunos aprendam também fora da sala de aula. Não acredito que existam alunos que se submetam voluntariamente a esses programas de entretenimento violento.

Quanto aos programas educacionais para os adultos, estamos criando *shows* que exponham aqueles que estão experimentando dificuldades de transição. Esses *shows* proporcionam a eles acesso a lições para as quais não têm habilidade, fazendo com que percebam onde poderão encontrar disponível a educação que pretendem. Essa atividade os motiva a darem passos para engrandecer o seu potencial e as suas habilidades.

A TV Ontário do futuro

Gostaria de falar sobre o futuro da TV Ontário. Acreditamos que estamos avançando em direção a um marco de aprendizagem distribuída. Usei a palavra "distribuída" em lugar de "educação a distância" porque pode tanto ser material de aprendizado distribuído por toda uma distância como distribuído de uma escola para outra. O mais importante é o aprendiz estar no centro, com o suporte do professor, e acreditamos que o papel da tecnologia e da TV é o de produzir o especialista. O nosso papel é o de dar suporte aos nossos professores, em relação às novas tecnologias e em relação ao acesso motivador e atrativo para os alunos.

Acreditamos no desenvolvimento do conteúdo. E que a habilidade de desenvolver conteúdo de multimídia e conteúdo de televisão será sempre mais rica, mais relevante e mais moderna, e consistirá mais em especialidade do que os professores em suas classes podem desenvolver. No entanto, esse conteúdo deve ser desenvolvido por professores e com professores.

A chave para o sucesso é consistentemente acionar e determinar não apenas se a tecnologia está funcionando, mas se os

alunos estão aprendendo melhor. Dessa forma, eles estarão mais motivados para aprender, como se fossem aprendizes para toda a vida. Estamos desenvolvendo um sistema de aprendizado de gerenciamento no qual, de fato, podemos facilmente entender do que os professores necessitam, e o mais rápido possível, com base na tecnologia que eles têm disponível, retransmitindo a eles as informações que requerem. Este é o nosso futuro. Acreditamos que isso nos coloca mais perto de nosso destino, aquela destinação em que cada aluno, cada jovem tenha a habilidade de ser bem sucedido e próspero, e que desenvolva todo o seu potencial.

COMO OS SISTEMAS EDUCATIVOS PODEM INTEGRAR AS CONTRIBUIÇÕES DA TELEVISÃO

Evelyne Bevort

*Diretora-Adjunta do Clemi - Centro de Ligação
do Ensino e dos Meios de Informação / França*

Falou-se muito, neste seminário, sobre as diferentes contribuições da televisão na educação. Falamos de TV escolar, de TV educativa, de ensino a distância, de realização de programas educativos. Todos esses aspectos servem-se da forma audiovisual. Vou introduzir um novo aspecto dessa relação entre a televisão e o sistema educativo, uma vez que vou propor, também, evocarmos, no senso do sistema educativo, uma outra dimensão de utilização da televisão de grande público, ou generalista, a televisão a que as crianças assistem muito, e com a qual estão em contato, freqüentemente, desde cedo. Televisão com a qual elas também estão em contato freqüentemente sozinhas e que raramente é levada em conta pela família e pela escola.

Não precisamos dizer que o uso de programas educativos, tais como são propostos para as escolas, é extremamente importante e constitui, para os educadores, uma fonte de documentos totalmente insubstituível. Há imagens de TV educativa que permitem aos alunos visualizarem instantaneamente fenômenos, mecanismos de ordem científica, mas não exclusivamente, de maneira que não poderiam ser contempladas sem o aporte dessas imagens.

A televisão, hoje, é certamente parte da família, um agente fundamental de socialização para as crianças. E é essa dimensão que nos parece extremamente importante levar adiante, pois quando o aluno chega à escola ele já tem, na sua mente, uma quantidade de imagens e de sons com os quais já está acostumado, que já conhece, que ele é capaz de designar, de certa forma, mesmo se não tem as palavras para explicá-los de forma sistemática.

É muito importante que as crianças possam aprender relativamente rápido. Toda emissão, toda montagem audiovisual, é portadora de um sentido que foi escolhido, que foi organizado, e que não é necessariamente negativo. Não é aliás negativo dizer isso, mas é importante compreender até que ponto há uma construção intelectual, uma construção ideológica por trás de um programa de televisão. É por isso que falamos de educação para o cidadão, pois as crianças devem entender quem fala, com que sistema de valor, por que se apresenta mais um tipo de imagem que outro, saber entender o que está por trás de uma emissão, quais são os valores, as normas, as escolhas que foram feitas para mostrar tal ou tal situação. Em nossa opinião, é extremamente importante que a criança seja capaz de fazer esse trabalho mental, e com rapidez.

Percebemos que as crianças dispõem de uma certa inteligência televisual. O trabalho em classe mostra bem que pouca coisa é necessária para que as crianças expressem o que elas entenderam, por exemplo, de como se faz a grade horária dos programas de televisão. Elas sabem reconhecer o gênero dos programas no momento em que eles aparecem, a partir da idade de três ou quatro anos; está completamente instalado nelas e esse ritmo da televisão não é de forma alguma estranho. Isso lhes permite falar a respeito e lhes permite compreender que elas são elas mesmas, que são uma parte da audiência que a televisão visa, que são espectadores procurados pelo produtor de televisão.

Vemos também que, quanto mais a criança assiste à televisão, mais os mecanismos de formas lhes soam familiares. Elas entendem, por exemplo, o papel dos efeitos especiais, pois são

coisas que lhes interessam. Apesar de tudo, o fato de lhes falarem na escola, o fato de poderem exprimir um ponto de vista em relação à sala de aula, permite-lhes também exprimir um espírito crítico positivo, no sentido de distância em relação a alguma coisa, de não estar completamente dentro da imagem, de sair da imagem e apreciá-la por tudo o que ela é. Essa distância crítica, o fato de verbalizar, de falar, de exprimir as coisas positivas ou negativas, as ajuda enormemente a formar uma opinião e a compreender de que se trata.

Contribuições da televisão

O objetivo é que o sistema educativo aproveite e integre toda a contribuição positiva da televisão. Sabe-se que a televisão é uma fonte inesgotável de documentos extremamente importantes. Entendemos a representação dos alunos enquanto falam de televisão, no sentido de terem o sentimento de que a televisão lhes traz o mundo, que os ajuda a expandir o ponto de vista. Vimos a noção de espaço evoluir na mente das crianças, uma vez que elas assistem freqüentemente a um certo número de programas de televisão. A abertura ao mundo é enorme.

Falamos do educador inovador, de inovação pedagógica, e é verdade que essas inovações são fundamentais. Mas as verdadeiras dificuldades estão em passar da inovação à generalização. Como fazer seguramente com que a prática de alguns anos possa ser transmitida no mais alto número, como tornar essa prática modelar, isto é, como fazer modelos pedagógicos a partir disso? Tudo é extremamente complexo.

O que fazem os educadores que foram formados para trabalhar na mídia, quando estão na presença de seus alunos? Que tipo de atividades eles propõem? Que tipo de conceito eles tentam colocar em ação? Fizemos um pequeno repertório, se assim posso dizer, de práticas pedagógicas que são mais freqüentes em torno dessa questão da educação pela mídia. Além disso, também a partir dessa prática pedagógica, perguntamo-

nos sobre qual a representação dos alunos na mente desses professores. Finalmente, quais efeitos, aos olhos dos alunos, ocorrem na prática? O que eles retêm? Será que isso os torna mais críticos em face da mídia? Regra geral, é esse o objetivo? Será que isso lhes permitirá integrarem-se melhor a um certo número de contribuições da mídia, ao conhecimento que eles têm da disciplina habitual da escola? Será que isso os torna mais cidadãos, já que mantêm os mesmos objetivos? E como mensurar tais elementos?

Todas essas perguntas nos fazemos e agora trabalhamos muito para tentar harmonizar nossa avaliação. Esse trabalho é extremamente interessante, porque, do nosso ponto de vista, é importante que os educadores sejam conscientes do que acontece com os seus alunos, para que eles mesmos sejam capazes de reorientar seu próprio trabalho de classe. Um dos nossos objetivos, através da avaliação, é o de instrumentalizar os educadores para que eles estejam muito mais na posição de observadores do que quando eles mesmos trabalham em classe. Tentamos fazer com que lhes seja permitido dar mais clareza a seus objetivos, escolher melhor suas atividades e avaliar ao mesmo tempo se suas atividades responderam bem aos objetivos pré-fixados. Desse ponto de vista, o trabalho fica extremamente positivo, pois a avaliação tem sua dimensão ligada à formação.

Como conclusão, diria que os sistemas educativos fazem muito para integrar de forma bastante positiva as contribuições da televisão. As contribuições potenciais da televisão são consideráveis, e creio que os sistemas educacionais foram bem desenvolvidos, pois muito se faz, como prova a TV Escola, ainda que existam inúmeros elementos para se colocar no lugar, a fim de que esse trabalho seja difundido aos alunos de forma sistemática, positiva e dinâmica.

ESTRATÉGIA DE CONTEÚDOS PARA AUDIOVISUAIS EDUCATIVOS

Ornar Chanona Burguete

*Diretor-Geral da Unidade de
Televisão Educativa / México*

O audiovisual e a informática educativa não são impulsos que estamos enviando de maneira unidirecional. Somos um grupo de pessoas convencidas de que se deve colocar computadores e televisores nas salas de aula. Não podemos amarrar os processos de ensino-aprendizagem sistematizados dentro e fora da escola, e os aproveitamos para os processos finais de formação de indivíduos na sociedade. Isso é importante porque, a partir deles, podemos pensar em uma nova pedagogia relacionada aos meios de comunicação.

Na realidade, estamos diante de múltiplas novas pedagogias e formas de compreender e de construir a realidade. O processo de conhecimento que opera por trás dos meios, nos meios e através dos meios, define-se fundamentalmente pela complexidade. Não podemos pensar na velha época da aprendizagem memorista, na sua evolução ao estímulo-resposta, e desta ao construtivismo. Hoje, vemos que a aprendizagem, a construção do conhecimento, é tudo isso e muito mais. Muito mais desconhecido, pois finalmente todos estamos num processo de experimentação e prática, de construção e de descobrimento do círculo da cultura audiovisual e informática.

Diante disso, nós, no México, temos enfrentado uma experiência que vem de um longo percurso. A TV educativa no México cumpre, neste ano de 1998, 50 anos de prática e 30 anos de sustentação de um sistema sólido, a Tele-secundária, 30 anos

ininterruptos de formação de gerações de mexicanos na Tele-secundária. Tele-secundária é um sistema a distância escolarizado, mais aberto, e onde se formam os alunos do sétimo, oitavo e nono anos. É um sistema que tende a crescer. Neste momento, no México, há 800 mil alunos estudando na Tele-secundária, em cerca de 14 mil Tele-classes.

No entanto, por essa mesma experiência, por essa insistência dos professores mexicanos de buscar no audiovisual algum tipo de resposta, de alguns anos para cá começou-se a trabalhar e a distribuir-se as imagens via satélite. Antigamente, fazia-se por sinal aberto. E através da distribuição por sinal e via satélite, finalmente o governo mexicano, em 1995, gerou o sistema de educação via satélite, o Eurosat, um sistema de televisão de sinal comprimido, digital, que nos permite levar ao ar, todos os dias, 8 canais de televisão, com uma média de 12 horas ininterruptas de transmissão, ao longo dos 365 dias do ano. Esses 8 canais são exclusivamente dirigidos à TV educativa e cultural.

Temos à nossa frente um desafio importante, pois no final deste ano (1998) abriremos 8 novos canais, e então teremos 16 canais de televisão. Atualmente, a mancha de satélite nos permite chegar ao sul dos Estados Unidos e atender inclusive sociedades mexicanas naquele país, na América Central, em todo o México e no Caribe. A partir de janeiro do próximo ano (1999), a mancha do satélite mexicano ao qual nos juntaremos cobrirá o continente inteiro, desde o Alasca até a Terra do Fogo. Frente a este panorama, diante desses desafios, nós, na Secretaria de Educação Pública, conseguimos formar uma estrutura que nos permite produzir por volta de 4,5 mil horas ao ano de TV educativa. Temos 28 milhões de alunos para atender, em 265 mil escolas. E 1 milhão e 800 mil professores entraram em processo de formação, vinculando-se com essas novas realidades.

Paralelamente, temos um acervo de programas de TV educativa que atualmente está entrando no processo de sistematização e conservação, ou seja, um processo de qualificação e classificação, catalogação e avaliação, e toda essa série de elementos.

Educação e conteúdo

Para nós, neste momento, TV educativa, audiovisual educativo e informática educativa, com a qual estamos abrindo atualmente a rede escolar, que é também uma rede de informática a ser enlaçada pelos sistemas de satélite, o que fica claro para nós é que o crucial no audiovisual educativo é a educação, não o audiovisual. Talvez seja uma colocação muito pragmática, mas não queremos entrar na discussão de quem tem a razão na hora da produção, se é o pedagogo ou o produtor. Ao final das contas quem tem a razão em meio à produção é o conteúdo, e o conteúdo determina o que virá em torno dele.

O audiovisual educativo, especificamente a TV educativa, sempre tem um público específico. Não estamos entrando em níveis de competição, pois temos objetivos específicos que nos determinam. Todo produto audiovisual possui intencionalidade específica. Um produto audiovisual depende de como seja utilizado para que tenha efetividade. Pode ser para exploração, para motivação, para desenvolvimento temático ou para problematização. A efetividade de seu uso depende da didática aplicada. O conteúdo geralmente determina o gênero, a proposta narrativa e a duração do produto audiovisual. No audiovisual educativo, a imagem, sua concepção, sua composição e seu desenvolvimento também formam conteúdo acadêmico.

Todo produto audiovisual pode ser usado para fins educativos. É importante distinguir entre a televisão, comercial, a televisão cultural e a TV educativa. Se vieram do mesmo ramo, paulatinamente foram se distanciando, ainda que repitam certas regras específicas. Ou seja, toda a televisão comercial, cultural e educativa, por si, constitui um projeto educativo. Portanto, estamos imersos nele. Por isso mesmo não podemos nos manter à margem, além do que não podemos manter a televisão fora das salas de aula. Se fizermos uma avaliação numérica, poderemos ver que, ao menos no caso mexicano, um jovem de 20 anos já tem em torno de 35 mil horas de televisão contra 16 mil horas efetivas

de estudo na escola. Nesse mesmo período, este jovem viu cerca de 1 milhão de comerciais. Ou seja, podemos deduzir que, em meio a este panorama, existem realidades de fundo que estão constituindo cosmovisão, formas de ver o mundo, de entendê-lo, de senti-lo, de atuar e de tomar decisões sobre ele.

Todo produto audiovisual pode ser usado para fins educativos, sempre quando exista precisão nos objetivos atendidos, clareza de no uso do produto audiovisual e sobretudo suporte metodológico que lhe dê lógica, pertinência ao público a que se dirige. Não basta utilizar qualquer programa, deve-se saber como o utilizamos, para que vamos utilizá-lo, qual é o processo em que se inscreve; certamente, cada produto audiovisual constrói seu próprio processo de análise.

Todo material audiovisual tem uma vigência relativa determinada pela experiência audiovisual do receptor, tanto em suas atividades narrativas como em seu ritmo, hábito de recepção e afinidades estéticas. Há uma afinidade estética, uma afinidade emocional com o produto, porque há um movimento global das capacidades humanas na percepção desse produto. Tudo isso interfere na construção do conhecimento da perspectiva do audiovisual e da informática educativa.

Quanto aos acervos, lidamos com duas linhas fundamentais: a sistematização, que nos leva à classificação, catalogação e avaliação; e o resguardo, que nos leva à conservação, restauração, direitos autorais e avaliação. Se temos um acervo e se ele está sistematizado e pronto para uso, temos maiores possibilidades de construir um projeto audiovisual. Sem acervo, é pouco o que podemos fazer. Nesse sentido, a possibilidade de termos um acervo que tenha funcionalidade e movimento é fundamental.

A partir, também, desses mesmos critérios que orientam a sistematização e o resguardo, em termos de produção, delineamos e trabalhamos sobre cinco linhas específicas: as curriculares, as complementárias ao currículo, as de formação e atualização docente, as de capacitação e as de educação para a sociedade.

EDUCABLE: PRIMEIRO SISTEMA PRIVADO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. RELAÇÃO ENTRE ESCOLA E TELEVISÃO

Pedro Simoncini

Presidente do Programa Santa Clara S.A. /Argentina

Alguém poderia se perguntar o que faz um empresário de televisão rodeado de professores e docentes, e também por funcionários e especialistas de organizações estatais. Isso mesmo. Perguntem-me se sou um peixe que pertence a este lago. E digo que sim. Porque minha presença é um símbolo do que está ocorrendo nas relações entre a educação e a empresa privada por uma, e a televisão e a educação por outra parte. Na época moderna, a educação já não pode ser considerada mais uma responsabilidade exclusiva e excludente do Estado. Ela interessa a todos os setores da sociedade e de modo especial às empresas e aos empresários, porque, no mundo crescentemente competitivo dos próximos anos, a qualidade da preparação básica, técnica e profissional dos cidadãos será um fator essencial dessa competitividade, a ponto de só subsistirem aquelas empresas que contam com melhor capital humano.

Por isso, hoje, como presidente do Programa Santa Clara, empresa argentina que há mais de 20 anos produz e distribui programas educativos e culturais em meu país e nos países vizinhos, honra-nos a possibilidade de apresentar, como exemplo prático, o primeiro sistema privado de TV educativa a cabo, denominado Educable, que representa o maior investimento de capital privado realizado em TV educativa até a presente data

em meu país. Somos radiodifusores há quase 40 anos, sentimos a responsabilidade social na concessão das licenças de televisão que o Estado nos confiou e cremos que o fenômeno televisivo não satisfaz ainda as expectativas que o seu espetacular desenvolvimento provocou.

A tecnologia, ao efetivar a possibilidade de transmissão e recepção simultânea de sinais diferentes, permite hoje contemplar uma diversidade de seleção e oferecer a cada setor os programas de sua preferência. Convencido de que, entre esses setores, alguns se interessariam por programas de alta qualidade de conteúdos, iniciamos, em julho de 1992, um serviço de distribuição de programas documentais e culturais mediante videocassetes às empresas de cabo de nosso país. E um serviço que denominamos TV Quality, tornando público o nosso compromisso de produzir os melhores conteúdos de programação. Nesse começo, os programas eram supridos principalmente pela National Geographic, pela Nasa, pela Sociedade Cousteau, pela BBC de Londres, pela Multimedia do Canadá, pela Academia de Ciências dos Estados Unidos e outras fontes. A entusiasmada recepção desses materiais fez crescer rapidamente a demanda, de modo que, desde janeiro de 1993, iniciamos a distribuição através do satélite argentino Nauelsat e começamos a incluir produções documentais locais.

Produção e audiência

Diante de crescentes pedidos de docentes e escolas do interior da Argentina, em abril de 1994 incorporamos a Educable ao sinal da TV Quality, com um bloco de quatro horas diárias de programas curriculares destinados especificamente às escolas. Nesse aspecto, não concebemos o uso da televisão com fins educativos na escola sem a combinação necessária de profissionais da educação com profissionais da comunicação, porque não se deve deixar de aproveitar o ingrediente mais importante que tem a televisão, que é o seu tremendo poder de atração audiovisual,

para reter audiência. Por isso, para armar a Educable, convocamos profissionais de ambos os setores, da educação e da comunicação.

Os profissionais da educação são os que devem contemplar o conteúdo específico dos programas educativos, e os profissionais em comunicação são os que conhecem os mecanismos para transmitir melhor tais conteúdos. Assim, da união desses dois setores profissionais surgiram os atuais programas sistemáticos de conteúdo curricular, de nível primário e secundário. É necessário que, respeitando os conteúdos educativos, os programas curriculares que se usam na televisão contenham equilibrados ingredientes de atração e elevem a produção de um simples bate-papo ou de uma exposição verbal na tela. Isso significa um trabalho profissional de ilustração de textos, tarefa que tem como destinatário a audiência, especificamente a dos estudantes, e requer que docentes e profissionais consigam aulas-programa que despertem e mantenham o interesses dos alunos.

Nossas aulas-programa têm origem dupla. Os programas estrangeiros são adquiridos nas melhores fontes da Europa, Estados Unidos, Canadá, e esperamos que logo o Brasil e o resto da América Latina também possam nos prover de materiais. Esses programas são dublados conforme os textos curriculares de cada matéria. Já os programas nacionais são, na sua quase totalidade, sobre temas especificamente argentinos, como História argentina, Geografia argentina, Ecologia ou Civismo, e não descartamos a possibilidade de incorporar a esses mesmos programas a Literatura latino-americana, a História latino-americana, a Geografia latino-americana, com a colaboração de distintíssimos colegas de toda a América.

Emitem-se quatro aulas-programa diárias, com aproximadamente 22/25 minutos cada uma. De segunda à sexta, das 9 às 11 horas, para as escolas da manhã, e das 14 às 16 horas, para as escolas da tarde. Para que se tenha uma idéia do esforço que se realiza, estimando um ciclo letivo mínimo de 180 dias por ano para as 4 aulas-programa, teríamos um total de 720 aulas-programa, das quais repetimos aproximadamente um terço. Ou seja, oferecemos às escolas argentinas a possibilidade de contar com mais de 500 aulas-programa diferentes por ano,

com a importância que supõe a possibilidade de gravá-las na sala, sem custos, integrando-as à videoteca da escola.

Além disso, tratamos de apoiar, com todos os meios ao nosso alcance, a tarefa do docente na sala. Como apoio ao docente em aula, produzimos e distribuímos, a cada dois meses, também sem custos, roteiros didáticos referentes aos programas mais importantes. O objetivo desses roteiros é permitir uma utilização mais completa do vídeo na aula e uma melhor interação entre docentes e alunos.

Toda a nossa ação se concentrou em tratar de prover o maior apoio possível às escolas públicas, através de uma série de serviços gratuitos. Nosso empreendimento constituiu um exemplo prático da colaboração do empresariado privado na tarefa educativa que, tradicionalmente, em nosso país, estivera a cargo exclusivamente do setor público. Conseguiu-se uma grande colaboração das empresas a cabo, para possibilitar as conexões e a provisão do serviço mensal sem custo ao sistema para todas as escolas públicas de cada localidade do interior. Impulsionou-se a formação de importantes videotecas, sem custos para as escolas públicas, com programas curriculares em todas as matérias. Complementou-se a ação na sala de aula mediante a produção gratuita dos roteiros. Ofereceu-se de forma definitiva, a crianças e jovens de nível primário e secundário, a possibilidade de terem acesso às tecnologias e conteúdos educativos modernos.

AVANÇOS E DESENVOLVIMENTOS DO PROGRAMA ESCOLA NOVA

Lígia Victória Nieto Roa

*Coordenadora do Grupo
PEI - Projeto Educativo Institucional / Colômbia*

Minha exposição estará centrada basicamente na caracterização da escola rural colombiana. Ela é, sobretudo, a escola que trabalha com o que chamamos de metodologia nova. Essas escolas são a maioria das escolas do país; estão muito longe dos centros urbanos e têm uma metodologia especial, com a qual seria muito benéfico ter uma televisão escolar. Quero discorrer sobre essas escolas porque, para pensar na televisão escolar, devemos partir da história cultural da escola, de como é o seu cotidiano, o seu modo de viver e pensar, a sua forma de se comunicar, e qual é o significado de comunicação para ela.

Não se pode determinar qual é o sentido da televisão escolar se não pudermos determinar qual é o sentido da escola. Quais são seus sonhos, suas aspirações, seus desejos, qual é a forma de comunicação, de amizade, de conhecimento, de aprendizagem, de relação que se tem entre elas. Temos visto, através dos textos escolares e inclusive através de alguns programas televisivos, que, quando se usam linguagens e imagens que não são próprias ao estudante e à comunidade, esses textos não lhes dizem nada. Portanto, nem aluno nem professor se aproximam deles, tampouco se apropriam de seus conteúdos. A narrativa de um vídeo, assim, deve diferenciar os moldes narrativos do indígena e do camponês - de crianças a cidadãos -, porque é por meio dessas narrativas que pode-

mos trazer à tona suas temáticas, suas articulações formais, suas modalidades expressivas, seus requerimentos. Dessa forma, se temos uma televisão escolar que não é da escola, e que como meio comunicativo não dá a palavra ao professor, ao aluno e à comunidade educativa em geral, é uma TV educativa que está condenada ao esquecimento e ao abandono, pois não será utilizada.

Uma TV escolar que assuma como riqueza as diferenças entre regiões e entre gêneros poderá constituir-se no melhor estímulo para a democracia, para o conhecimento regional e para o encontro dos povos. E será possível construir uma cidadania nacional e internacional. Por isso, considero oportuno dizer quais são as características dessas escolas, porque aqueles que fazem televisão devem partir delas para que sua televisão seja mais bem aproveitada. Chamamos essas escolas de Escolas Novas.

A Escola Nova e sua metodologia

A metodologia da Escola Nova surge como uma estratégia para o setor rural no Movimento da Escola Unitária, promovido em Genebra, Suíça, em 1964. Nesse mesmo ano se abre a primeira Escola Demonstrativa Unitária da Colômbia, em um pequeno povoado chamado Pamplona, no norte de Santander. Essa escola se caracteriza por ter um único professor, que trabalha as cinco séries da escola primária. Esse professor se apoia sobre toda a metodologia da pedagogia ativa, que envolve a criança, trabalhando de uma maneira individual e em grupos, de acordo com os currículos do aprendizado de seu interesse. No entanto, a implementação dessa metodologia, conforme pesquisas realizadas, mostrou suas vantagens, mas também muitas deficiências do processo, tais como: insuficiência de materiais, deficiência na capacitação dos professores, desconhecimento do trabalho com a comunidade e falta de adequação das políticas governamentais escolares para o incentivo de valores de cidadania - como a democracia, a paz, a tolerância, a solução de conflitos, a autonomia.

Para oferecermos uma educação básica de qualidade devemos observar a construção autônoma e participativa de toda a comunidade educacional. Esta é a característica do PEI, Projeto Educativo Institucional, que vislumbra a formação e desenvolvimento humano de seus estudantes, levando em conta o contexto geográfico, econômico, cultural e familiar da localidade, da região e do país.

A autonomia institucional para a estruturação de um currículo pertinente à criança camponesa facilita a criação de ambientes propícios à aprendizagem, fortalecendo a cultura do conhecimento e a convivência de acordo com os avanços da ciência, com a tecnologia e com as novas e modernas concepções pedagógicas. Dessa forma, será contemplada a interação entre a criança, a família, a escola e a comunidade. Esse currículo, dentro das concepções da Escola Nova, propõe uma relação diferente do professor com o aluno e, portanto, uma relação diferente com o conhecimento e com os textos.

Bem, e quais são as estratégias para o fortalecimento do Programa Escola Nova? A primeira é oferecer a escola básica completa, da 1ª à 9ª série. Para isso, é necessário reorganizar as escolas pequenas, a fim de que possam oferecer todas as séries da escola primária, criando progressivamente as séries faltantes.

A segunda estratégia é a de oferecer uma significativa melhoria da qualidade de ensino, possibilitando melhor qualificação e aperfeiçoamento aos educadores. Sobre o professor recai grande parte da responsabilidade da construção escolar; é preciso dar vitalidade à relação professor-aluno, dada a intensa relação construída com a comunidade da Escola Nova.

Ainda quanto à melhoria da qualidade de ensino, temos o uso de meios de comunicação e novas tecnologias. Para fazer uso de novas tecnologias, o professor precisa mudar sua atitude de observador passivo para aprender e entrar de vez no mundo dos computadores, do vídeo, da TV, do rádio e da imprensa. Ao mesmo tempo, o professor reaprende a dar valor à incalculável e insubstituível relação com o seu aluno e com o conhecimento,

em uma educação concebida como de participação, criatividade e comunicação - uma verdadeira relação humana de liberdade e autonomia. Esses equipamentos chegam pouco a pouco em nossas escolas, mas o professor se aproxima com temor e desconfiança desses materiais, pois ainda acredita que assistir TV é perder tempo, distrair-se e cultivar a preguiça.

Por fim, para melhorarmos a qualidade de ensino é necessário saber avaliar a qualidade da educação que oferecemos. Atualmente, apesar de estarmos terminando de elaborar os critérios de avaliação institucional externa, desenvolvemos um processo de auto-avaliação institucional, por parte da comunidade educativa, conseguindo identificar, na área rural da Colômbia, mais de duas dezenas de experiências significativas no campo pedagógico. Experiências significativas são aquelas referentes a novos enfoques conceituais, a mudanças metodológicas, à criação de modelos e processos inovadores que permitam desenvolvimentos progressivos na formação básica dos educandos.

No campo curricular, há uma forte tendência no sentido da tecnologia e incorporação de novos meios de comunicação como estratégia para conseguirmos uma educação pertinente, atualizada e útil para o estudante. Todos buscam acesso ao uso do computador, para enriquecer seus conhecimentos, e buscam obter informação através da TV educativa, um bom apoio às metodologias ativas que facilitam a vida do professor, como se fossem roteiros de aprendizagem, em sessões de trabalho mais dinâmicas e questionadoras sobre o mundo que os rodeia e sobre os alcances das ciências.

TELEVISÃO EDUCATIVA: A EXPERIÊNCIA COLOMBIANA

Marco Fidel Zambrano Murílio

*Coordenador do Grupo de Meios e Materiais
Educativos - Ministério da Educação / Colômbia*

A experiência colombiana com TV educativa teve início há 30 anos. Ela foi fortalecida institucionalmente, em 1970, com a criação do Fundo de Capacitação Popular, que tinha a finalidade de facilitar a educação de adultos e erradicar o analfabetismo. Em 1973, iniciou-se um projeto de bacharelado por rádio, o qual, apesar de ter uma influência limitada, funciona até os dias de hoje.

Ainda assim, a experiência desenvolvida não foi devidamente absorvida pelo sistema educativo, nem integrada como política nos planos de desenvolvimento do setor educacional. Como resultado, assistimos ao enfraquecimento dos programas já estruturados, à escassez de ações de atualização curricular e modernização tecnológica, e à debilitação de recursos humanos em atividade.

As intensas ações de privatização e reordenamento da televisão colombiana, iniciadas a partir de 1991, não propiciaram a transformação da debilitada TV educativa no país. Ao contrário, ao concentrarem-se nas questões legais de cessão a agentes privados, que não estavam interessados nesse assunto, perdeu-se uma importante oportunidade para a retomada do caminho iniciado trinta anos antes. Entretanto, embora o processo de privatização siga caminhos similares aos de outros países, o balanço é claramente negativo com relação aos objetivos iniciais, uma vez que a TV educativa continua inserida na TV pública.

Recentemente, o Plano Estratégico do Ministério da Educação, 1997-98, estabeleceu a necessidade de estruturar uma estratégia na qual se aproveitem as novas tecnologias para a educação, com o objetivo de assegurar às novas gerações o acesso ao conhecimento, à informação e ao desenvolvimento de habilidades de comunicação.

Entre as ações do Ministério da Educação, destaco alguns resultados deste esforço realizado nos últimos anos:

- Espaço do Professor, programa que estabelece 35 horas semanais de TV educativa aberta e não formal, emitidas pela Cadeia de Televisão Pública Nacional;
- videotecas Escolares para a pré-escola e a escola primária;
- produção direta, por parte do Ministério da Educação, de séries como o *Cantinho do conto* e *Terra possível*;
- realização de oficinas e seminários internacionais;
- Início das ações de cooperação, em torno do Programa Telesecundária, com a Secretaria de Educação Pública do México;
- estruturação do Curso de Ação, que deve estabelecer um sistema de televisão educativa que permita contar com uma oferta integral de televisão para fortalecer programas de educação formal, informal e de apoio curricular em áreas estratégicas do conhecimento.

Existem fortes barreiras, no interior do sistema educativo colombiano, para a integração da TV educativa. A atualização dos conteúdos e das grades curriculares dos programas mostra um atraso de pelo menos quinze anos. Sendo a TV o meio com maior aceitabilidade cultural e infra-estrutura relativa no país, surpreendentemente não está incrustada no setor educacional. Menos de 45% dos estabelecimentos educacionais têm um televisor e um aparelho de vídeo e menos de 30% deste percentual os utiliza com propósitos educacionais. Isso tudo sem contar a ausência de luz elétrica em algumas áreas rurais, a violência que afeta a vida escolar de uma forma geral, os baixos níveis de compromisso dos docentes para assumir novas tarefas e a

desmotivação dos estudantes para infundir significado a seu próprio processo de aprendizagem.

Produção e capacitação docente

Atualmente, o país conta com um número significativo de equipes interdisciplinares para produção de TV educativa. Geralmente, os programas são produzidos de forma unilateral por produtores de televisão que não contam, para a idealização e produção de programas, com pedagogos competentes na área, o que afeta diretamente a qualidade desses programas produzidos no país. Para suprir essa deficiência optou-se por importar programas internacionais, a maioria norte-americanos, os quais não apenas deixam de propagar alguma capacitação educacional, como também são transmitidos sob um formato comercial, o que restringe ao máximo os impactos educacionais que possam gerar.

Em nossa proposta de um sistema de televisão educativa na Colômbia, devemos nos concentrar em algumas áreas imprescindíveis para sua implantação e desenvolvimento:

- capacitação dos docentes, com o uso de programas de televisão em sala de aula;
- criação de material de apoio, como manuais para os professores e livros de atividades para os alunos, entre outros;
- promoção de serviços, como divulgação dos horários de emissão e materiais promocionais - pôsteres, boletins, catálogos -, entre outros;
- distribuição de diversos materiais, conforme os calendários escolares;
- pesquisas e avaliações permanentes e sistemáticas de materiais, desde o ponto de vista dos docentes e alunos até a comunidade educacional em geral.

Para finalizar, é necessário reafirmar a necessidade de que a América Latina avance na construção de uma sociedade de conhecimento e informação, buscando integrar critérios nacionais

e regionais, trocando experiências, avanços e advertências quanto aos perigos e equívocos vivenciados. É urgente que possamos avançar na construção compartilhada de critérios para a aquisição de tecnologias, para a capacitação de docentes, para o delineamento instrucional, para a produção de *software* educativo, para a integração curricular e para o uso de tecnologias de sala de aula.

CRITÉRIOS DE QUALIDADE

Jorge da Cunha Lima

Presidente da Fundação Padre Anchieta / Brasil

A mídia é tudo. Ela abrange os nossos desejos, os nossos sentimentos, as nossas ações. O resto é silêncio. Cabe às TVs educativas, culturais e até mesmo comerciais preencher esse vazio de valores, na medida em que a televisão, hoje, tudo dá ao homem - porque a família não está podendo realizar a formação complementar de um jovem, de uma criança.

A escola pública também não está podendo complementar a formação adequada de uma criança. A TV acabou se transformando no grande instrumento do desejo e do conhecimento do homem contemporâneo. E temos de ver o que é qualidade nesse contexto. Todos nós temos a idéia de que qualidade se confunde com desenvolvimento tecnológico, com o último equipamento.

Critério de qualidade é ética. No momento em que todo o mundo busca desenvolvimento tecnológico e produtividade, vamos dizer que ética é a base da qualidade de uma televisão? A qualidade está intimamente ligada ao objetivo da instituição que a promove. Uma TV comercial tem um critério de qualidade diferente do critério de uma TV educativa e de uma TV escolar. A TV educativa a qual pertencemos - a TV Cultura -, está nesse ponto. Ela não é a TV Escola, nem é uma TV comercial, mas está estabelecendo quais seriam os critérios de qualidade para uma TV cultural; e também estamos estabelecendo o que é uma TV educativa no sentido da TV escolar.

Tenho a impressão de que podemos estabelecer algumas diferenças fundamentais. Primeiro, essa questão de que a ética é

mais importante do que a tecnologia e do que a própria produtividade. Segundo, a idéia de que a qualidade deriva dos objetivos da instituição. Se o meu objetivo é ser uma TV cultural, a minha qualidade tem de ser para produzir isso, e não outra coisa. Dessa forma, a TV comercial tem padrões de qualidade muito bons para as suas finalidades.

A partir daí, vamos distinguir as qualidades de uma e de outra. Na TV comercial, o objetivo é servir ao mercado. A qualidade da TV cultural tem o ritmo da reflexão, que é completamente diferente. Na medida em que fazemos uma televisão para o mercado, estamos falando com um consumidor em potencial. Na medida em que estamos falando de TV cultural, que faz reflexão, estamos falando para o cidadão, estamos pretendendo completar a formação de um homem e de alguns aspectos de sua civilidade, de sua estética, de sua relação com o mundo. Já a TV comercial está, de uma certa forma, pretendendo construir os valores, que também são válidos, desse homem de mercado. E, enquanto na TV comercial o entretenimento é um fim, na TV cultural o entretenimento é um meio. Promovemos o que desejamos através do entretenimento, quando queremos ser ouvidos e apreciados.

Compromisso com a qualidade

Temos de desenvolver a qualidade a partir de alguns objetivos. Primeiro, a TV cultural tem de educar. Mas ela não educa como a TV Escola, que vai suprir, melhorar, complementar, formar, transformar currículos, torná-los mais compreensíveis e mais atualizados. A educação na TV cultural pode se dar através do entretenimento. Ela promove a formação integral do homem, ela remonta ao desejo do homem, à civilidade, ela dá aquilo tudo que complementa a atuação do homem no mundo, na sociedade e no seu próprio destino. É uma TV vida, para educar inteiramente o cidadão.

Cultura, na TV cultural, também é diferente de cultura na TV comercial. Na TV comercial divulgamos os valores artísti-

cos consagrados no mercado comercial da arte. Na TV cultural temos de consagrar os valores, estejam eles ou não nas listas dos 10 mais. Temos de buscar valores, revelar identidades regionais, nacionais, locais, lingüísticas, pessoais. É uma diferença muito grande.

Temos um compromisso muito grande, também, com a informação. A informação que transita no mundo, hoje, em alta velocidade, é quase a morte da comunicação, paradoxalmente. Quanto mais instrumentos, menos conteúdos. A informação da pauta jornalística das televisões no mundo moderno é sempre a mesma. Parece uma pauta compulsória, caída do céu; e esse céu talvez seja o inferno dos interesses econômicos, políticos, ideológicos, e promove esse milagre extraordinário de uma pauta única para todas as televisões, para todos os telejornais. Isto tem um bem e um mal embutido. O bem é que todo mundo recebe a mesma informação e acaba estabelecendo algumas dinâmicas de avaliação crítica. O mal é que nem sempre essa massa de informações diária são as informações que interessam ao cidadão. Elas interessam mais aos veículos que manipulam do que ao próprio cidadão. Assim, a informação da TV cultural tem de ser uma informação do interesse do homem. Ela tem de ser, e deve ser, uma informação temática e analítica, porque a velocidade e o ritmo da televisão engolem a compreensão das coisas.

A TV cultural tem de ter como critério redescobrir a linguagem da criança na TV. Porque a linguagem para a criança, proposta na TV, é perversa, tem um ritmo de violência. A criança tem de ter programas com ritmo adequado ao seu nível de compreensão e com um ritmo de entretenimento que dê conta da concorrência.

A nossa qualidade, como disse, é um problema ético. Por isso, além de servir à criança e ao adulto, devemos pensar um pouco no que produzir para o jovem, dentro do que chamaria a diferença fundamental, que é a diferença de ritmos. A TV comercial tem o ritmo do mercado; esse ritmo frenético impõe o conceito de audiência universal, e este impõe um ritmo de publicidade,

um ritmo de interseção dos programas, que mata a compreensão. Já a TV cultural tem o ritmo da reflexão, que permite que um programa seja digerido inteiramente, que o filme seja consumido na sua estética, na sua inteireza. O ritmo da TV comercial se compara um pouco com o ritmo da produção no McDonald's, é o ritmo do mercado. Temos de fazer um sanduíche sempre igual ao outro, com o mesmo gosto, com o mesmo paladar, do mesmo jeito, na mesma velocidade, na mesma intensidade. O ritmo da reflexão é o de uma cozinheira espanhola que faz uma paelha, que tem de refletir sobre cada paladar, onde cada camarão tem o seu tempo de cozimento. É tudo isso junto, sabendo que isso é para servir aos prazeres estéticos e intelectuais do homem, e não àquela necessidade frenética de consumir papel pensando que é um doce de algodão.

Quando tomei posse em meu segundo mandato na TV Cultura de São Paulo, pedi aos 980 funcionários que assumissem um compromisso idêntico, que é o de não nos permitirmos um minuto de vulgaridade na programação. Porque o ritmo do mercado, o ritmo da audiência universal, vai levando à necessidade de se produzir vulgaridade para se ter a totalidade das audiências, da qual o domingo é a mostra mais evidente. Essa exigência é moral. Porque o homem está comprometendo seu desejo e seu destino, e ele não merece esse tratamento.

INICIATIVA PRIVADA E TV EDUCATIVA

Joaquim Falcão

*Secretário-Executivo da
Fundação Roberto Marinho / Brasil*

Vou relatar a experiência do Telecurso 2000, uma série de mais de 1,2 mil programas de televisão, cobrindo todo o ensino fundamental e médio, além do ensino profissionalizante e outros cursos que construímos nos últimos 3 anos. Para se ter uma idéia do que são 1,2 mil programas, é como se tivéssemos feito 7 novelas nos últimos 3 anos. Esse produto só foi possível porque tivemos uma parceria da iniciativa privada, entre a Fiesp - Federação das indústrias de São Paulo - e as Organizações Globo.

Apresentamos o Telecurso 2000 na TV Globo, na Roquette-Pinto (TVE) e na TV Cultura, uma tradição que já dura algum tempo. Mas não é somente na TV aberta. Na TV aberta ninguém está assistindo para se formar. Na TV aberta, o Telecurso 2000 tem função cultural. A TV aberta não é rigorosa no estrito senso de educação, porque ninguém faz um telecurso na TV aberta. Mas estamos divulgando o produto. Estamos informando, mesmo que seja de uma forma fragmentada, uma parcela importante de telespectadores. Se juntarmos as nossas 3 audiências, com certeza chegamos a mais de 10 milhões de pessoas.

Mas há outro meio de comunicação à nossa disposição: a TV segmentada, por assinatura, que é a TV Futura, também uma iniciativa privada de 15 parceiros. Na TV segmentada, o Telecurso já não cumpre apenas uma função cultural, de difusão de conhecimento. Na TV Futura, o Telecurso é concebido de modo que qualquer um possa gravar, pois a questão dos direitos autorais

está equacionada. Então, estimulamos que as escolas, as fábricas, as associações, os próprios indivíduos, gravem através da televisão. Dessa forma, a função da TV segmentada passa a ser a de um canal de distribuição adequado à realidade da falta de recursos que aqueles que precisam de educação têm para comprar séries completas de revisão.

Costumamos dizer que um programa de TV não é um projeto de educação, é uma intenção de projeto de educação. Mas o projeto de educação tem de cair na real. É como temos resolvido a questão da implementação, porque o aluno quer o diploma, que vai lhe permitir um melhor salário e uma ascensão profissional. E como a televisão pode viabilizar isso? O esforço que tivemos na invenção da televisão, devemos tê-lo na invenção de uma nova didática, de novos currículos e de novos processos educacionais. Não dá para inventar a tecnologia sem adaptar o dia-a-dia da escola ou do sindicato.

Bem, aí vem a invenção didática. E o que a gente faz? Inicialmente, colocamos as tele-salas nas escolas, enfocamos de 5^a a 8^a série e capacitamos os professores. Os professores não estão acostumados, didaticamente, a usar a televisão. Então, repensamos o perfil do professor: em vez de ser o professor da disciplina, ele passa a ser o professor da classe. Ele é um animador, um implementador. E essa foi uma grata surpresa. O resultado de empatia entre professor e aluno foi extremamente positivo. Quer dizer, a televisão tem de reinventar o professor na sala de aula. O professor deixa de ser o especialista para ser o facilitador. O aluno é reprovado na disciplina e não é reprovado na série. No fundo, ele não é reprovado, uma vez que vai ter novas chances. É que alguns alunos aprendem Matemática em tempos diferentes de outros; já outros são mais rápidos em Português. Dessa forma, o Telecurso possibilita o tempo real da capacidade do aluno. O aluno não tem de fazer a série toda, esse é o nosso segredo. Em suma, reconsideramos o processo e ele foi aprovado no Conselho Estadual de Educação. Enfim, começamos discretamente, com 7 prefeituras, isto é, quem paga e implementa é o prefeito. O governador dá suporte e a gente dá apoio, mas quem decide é o prefeito.

COMO ORGANIZAR A PRODUÇÃO DA TV EDUCATIVA

Mauro Garcia

*Diretor-presidente da Acerp - Associação de
Comunicação Educativa Roquette-Pinto / Brasil*

Tenho o prazer de representar a Roquette-Pinto e a TV Educativa. Desde que a TV Escola era um projeto, nós, da TVE, já trabalhávamos por ela. A relação da TV Escola com a TVE se confunde até na identidade. Há um dado curioso que temos de observar. Algumas TVs nasceram centros produtores, para depois tornarem-se canais de TV. Hoje, os centros de produção já nascem como canais de TV, como é o caso da TV Escola, que já nasceu ligando o seu papel de produtora com o de canal exibidor.

A formação do telespectador é realmente pelo canal aberto. A TVE foi a primeira emissora de TV educativa do País a transmitir via satélite nos anos 80. Ela gravava programações no Rio de Janeiro para todas as emissoras educativas do País. Essa programação tinha um componente muito forte de programa educativo e isso foi mudando. Agora, da TV Escola à TV Futura, essa programação sofreu uma série de modificações, inclusive na sua filosofia.

Um fato curioso está ocorrendo com a audiência das TVs educativas, particularmente com a TVE do Rio de Janeiro: há um crescimento muito grande de audiência, hoje, naquela cidade, consolidando-a em 3º lugar. Além desse fato e além de o material educativo ocupar um lugar de destaque na audiência, vemos que essa audiência está crescendo particularmente entre as classes sociais mais populares, a D e a E. Esse fenômeno tem ligação muito forte com o

fato de essas classes sociais terem passado a adquirir aparelhos televisores. Tendo televisores, elas puderam assistir a tudo aquilo a que não assistiam antes e passaram a ter opções de televisão fora do mercado.

Hoje, as TVs educativas constituíram-se em uma opção de audiência, como é o caso da TV Cultura. Hoje, temos uma opção de qualidade de programação de canal aberto, um acesso livre e democrático para toda a população, como se fossemos uma TV por assinatura sem pagamento.

Outro aspecto é o que se chama de negócio da produção. Como eu disse, a TV retornou ao seu papel inicial de centro produtor, e agora que já tem um modelo administrativo diferente, ela passa a ter mais liberdade para ser contratada e para contratar; ela agora tem de considerar o produto educativo que faz em casa. O negócio a que me refiro não é o negócio do dinheiro, do lucro, é o negócio de obter recursos e qualificar melhor o produto.

No mercado, hoje, sobrevive quem tem qualificação e especialização. E o negócio da TV educativa, hoje, além do produto em si, é poder atender o cliente, trazendo recursos para sua própria programação. Os recursos, nos financiamentos, são disputadíssimos. Se trabalharmos juntos, somarmos as experiências, as especializações, com certeza vamos chegar mais fortes e mais qualificados para buscar reforço nos mercados.

Aprender, nesse negócio, também é equação. É equacionar um problema grave, que são os recursos. Temos os orçamentos das TVs educativas nas mãos e isso também é uma novidade para nós. Aprendemos a adequar recursos e orçamentos para buscar clientes no mercado, e esse mercado tem recursos limitados.

TV educativa, hoje, passou a ser negócio. Um negócio que envolve qualificação, habilitação do orçamento, capacidade de tecnologia humana e técnica de produção. Nos dias de hoje, esses fatores vão decidir os negócios. A TV pública aprendeu a fazer negócios e passou a trabalhar numa relação diferente com o mercado. E com certeza, esses retornos, essas mudanças, tanto do ponto de vista de administração como do ponto de vista de programação, não são coincidentes.

Outros títulos da Série de Estudos /Educação a Distância
publicados pela Secretaria de Educação a Distância / MEC

TV da Escola

*América Latina - Perspectivas da educação a distância,
Seminário de Brasília, 1997*

TV e Informática na Educação

Educação do olhar, volumes 1 e 2

*Construindo a Escola Cidadã
Projeto político-pedagógico*

Reflexões sobre a educação no próximo milênio

